

Tribuna Operária

ANO V — Nº 163 — DE 16 A 22 DE ABRIL DE 1984

Cr\$ 300,00

200 mil no comício pelas eleições diretas-já em Goiás.

O entusiasmo popular foi a marca registrada do maior comício pró-diretas já realizado no Brasil, em termos proporcionais. Uma multidão de mais de 200 mil pessoas, 20% da população de Goiânia, tomou completamente a Praça Cívica e seus arredores.

Estiveram presentes ao comício seis governadores da oposição: Franco Montoro (SP), Gérson Camata (ES), José Richa (PR), Wilson Martins (MS), Jäder Barbalho (PA) e Tancredo Neves (MG). Dezenas de deputados federais, além dos presidentes do PMDB, Ulysses Guimarães, e do PT, Luís Inácio Lula da Silva, também participaram da manifestação. Entre a fala dos deputados dezenas de artistas se apresentaram cantando e expressando seu apoio ao restabelecimento das eleições diretas. A multidão aplaudia seus ídolos.

Durante o ato, um deputado leu o nome dos parlamentares goianos contrários às eleições diretas. Uma vaia retumbante ecoou na praça quando foram citados os deputados goianos Siqueira Campos, Jaime Ca-

mara e Brasília Caiado e o senador biônico Benedito Ferreira, que votara contra a emenda Dante de Oliveira.

O deputado federal de Goiás, Alípio Arantes, foi muito aplaudido quando afirmou que "as eleições diretas são imprescindíveis para abrir caminho para fazer a reforma agrária, eleger uma assembleia nacional livre e soberana, pôr fim ao modelo econômico dependente que coloca na miséria milhões de brasileiros e para legalizar os partidos políticos clandestinos, inclusive o Partido Comunista do Brasil".

Até o instante em que fechávamos a edição, o comício não havia acabado e continuava chegando gente à praça Cívica. O ressoar dos fogos de artifício era constante. "Isto aumenta o brado de guerra do povo unido na praça que exige o direito sagrado de ser dono de seu próprio destino, eleger o presidente do Brasil" comentou à TO o vice-presidente da União dos Vereadores do Brasil, Euler Ivo.

(da sucursal)

Foto: Evandro Teixeira

Depois do Rio Emenda Dante a um passo da vitória

O fantástico comício de 1 milhão no Rio de Janeiro gerou uma situação nova na campanha pró-diretas já. A emenda das diretas passa a ter chances reais e concretas de passar no Congresso dia 25.

Págs. 3 e 8

São Paulo marcha pelas diretas em passeata gigante

Segunda-feira, dia 16, cabe a São Paulo dar sequência à campanha. O metro já foi liberado. Os metalúrgicos participam organizados e com força. Página 4

EDITORIAL

Balelas de Figueiredo

Depois de falar em "dança da chuva", afirmar que "é provocação" e até dizer que "são coisas corriqueiras", o que poderia ainda dizer o regime sobre as vibrantes manifestações de massas pelas eleições diretas-já? Pois o general Figueiredo, ao saber em Marrocos do impressionante comício do Rio de Janeiro, teve a desfaçatez de declarar que, se estivesse no Brasil, seria o "milionésimo-primeiro participante", e que a bandeira das diretas lhe pertence. Logo a seguir, revelando ele mesmo o conteúdo mentiroso de suas declarações, acrescentou que as diretas-já seriam "uma reforma abrupta e inconsistente".

Em primeiro lugar, o Sr. Presidente jamais iria ao comício do Rio, e nem a qualquer outro de caráter democrático, porque ele mesmo já declarou que prefere o cheiro de cavalo ao cheiro do povo. E porque o povo também, nesta campanha cívica pelas diretas, já deixou evidente que não suporta o cheiro dos ditadores. Mesmo numa pequena concentração de estudantes em Santa Catarina, há alguns anos, quando democraticamente os jovens tentaram manifestar seu repúdio à ditadura, o general furioso chegou até a agredir fisicamente algumas pessoas.

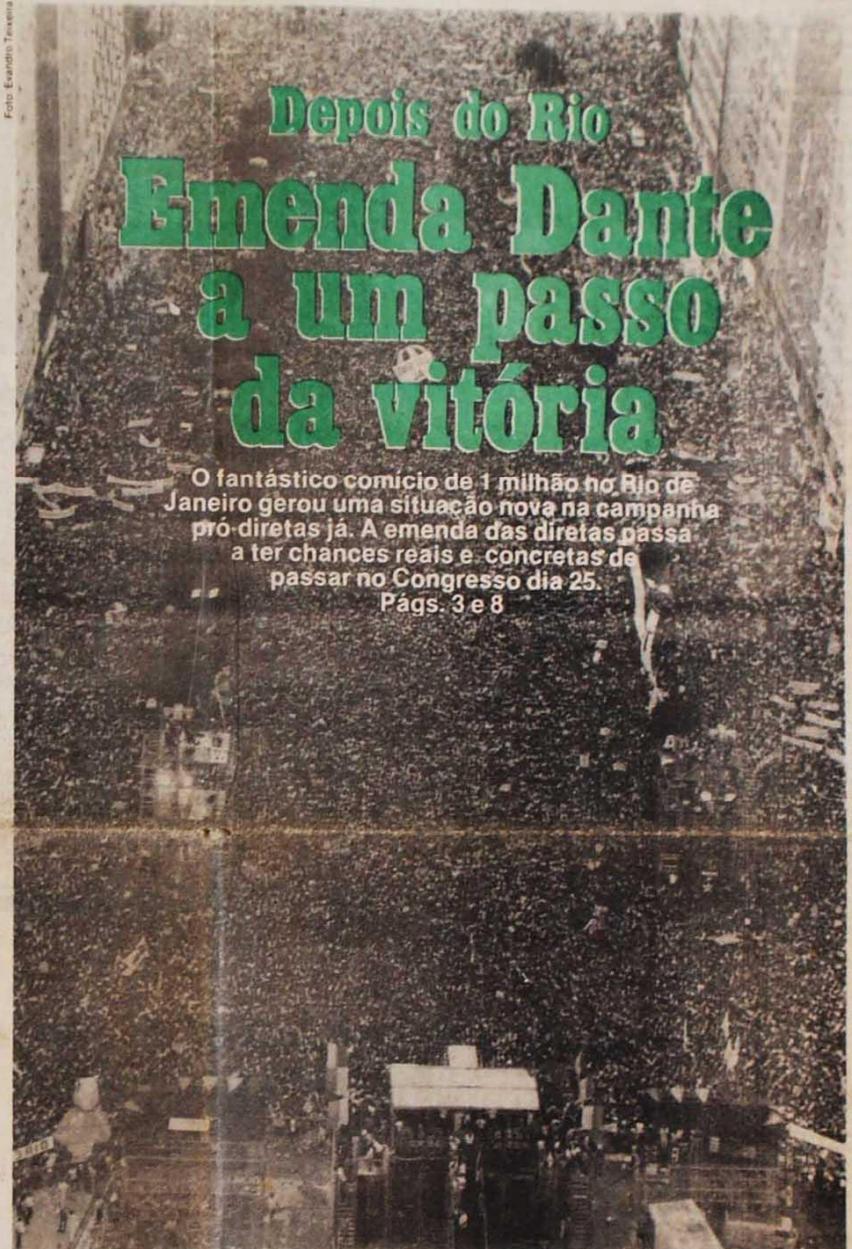
Depois, é uma desonestidade tentar enganar a opinião pública falando em "diretas" abstratamente, enquanto se trama violências e falcas contra as diretas já. Na situação atual do Brasil o confronto é entre diretas-já e o continuismo do regime militar. Diretas "para depois" é apenas uma fórmula defensiva para maquiular as articulações golpistas de Figueiredo.

No comício do Rio, a multidão de mais de um milhão de pessoas mostrou com todo o vigor que não aceita as manobras que prometem negociar "atrasadas" a data das eleições. O grito intransigente e patriótico do povo é no sentido de salvar imediatamente o país desta gangue que usurpou o po-

der desde 1964. Deixar para depois é condenar o Brasil à ruína. A vitória da emenda Dante de Oliveira ficou mais próxima. Mas para garanti-la, urge dar continuidade, e com mais ímpeto ainda, à manifestação dos cariocas. O comício de Goiânia, ao lado de Brasília, aumentou o pânico dos generais. Espera-se que a passeata de São Paulo dê outro golpe mortal nas tramas da ditadura. Mas para isto, até segunda-feira terá que ser vencida a timidez do governo estadual.

O povo espera mais empenho e mais comprometimento direto do governador. É incompreensível que o sr. Montoro não assumia a sua responsabilidade por inteiro e tente se esquivar com o pretexto de que "acata o que o PMDB decidir". O povo já decidiu e o governo eleito com mais de 5 milhões de votos tem o dever sagrado de usar todo o potencial colocado em suas mãos para fortalecer a campanha das diretas-já. Além disso, a frente oposicionista em São Paulo vive um momento difícil, pela inabilidade com que o governo estadual vem tratando a justa reivindicação dos professores, por melhores salários e melhores condições de trabalho. Atuando com miopia, as autoridades limitam-se a falar no orçamento do Estado, sem considerar o orçamento das famílias dos professores.

O governo de São Paulo precisa abandonar a postura de "amortecedor" em relação ao governo federal. Desde o início deveria negociar com os professores uma saída imediata viável. Depois, esclarecer aos mestres que a solução real do problema não será alcançada a nível local. Não há porque esconder deles que a política educacional e econômica do governo federal é a fonte maior das dificuldades. Assim, ao invés de aprofundar a distância em relação ao povo, o governo ampliaria as forças da passeata do dia 16, pelas diretas-já, com a imensa massa de professores.



Golpe mortal no decreto do arrocho salarial

Operação-tartaruga dos metalúrgicos de São Bernardo e greves no interior terminaram com expressivo êxito dos operários. Eles conquistaram 100% do INPC para todos, abono e também antecipações trimestrais.

Pág. 5

Grilagem ensanguenta o Pará

Encontro Nacional da Contag sobre conflitos de terra revela uma luta feroz e o surgimento de figuras lendárias como o Justiciero Quinzinho. Página 7

Professores em greve mostram o quanto valem

Em Minas, uma expressiva vitória após 13 dias de greve. Em São Paulo, após uma passeata de 70 mil, os grevistas criavam perspectiva de acordo. Pág. 5

Social-imperialismo chinês volta a atacar o Vietnã

A China desferiu, no início do mês, por vários dias consecutivos, pesados ataques de artilharia contra o Vietnã, matando dezenas de soldados e semeando o terror e a destruição nas localidades invadidas. Já em 1979 os chineses haviam desencadeado uma injustificável agressão contra o bravo povo vietnamita, mostrando até que ponto tinha ido a sua traição ao socialismo e sua adesão à política imperialista.

Agindo com arrogância e cinismo, seguindo o figurino do seu amigo de além-mar — o imperialismo norte-americano —, a diplomacia chinesa tenta legitimar seus atos agressivos perante a comunidade internacional com os mesmos argumentos esfarrapados levantados em 1979. Alega falaciosamente tratar-se de "punição e represália" às "provocações armadas" de tropas vietnamitas nas fronteiras com a China e ao longo da divisa entre Camboja e Tailândia. É o velho truque dos imperialistas, pretendendo fazer o algoz passar por vítima.

DESÍGNIOS IMPERIALISTAS

Na verdade, as arremetidas militares chinesas contra o Vietnã se relacionam com os desígnios de Pequim de transformar-se numa superpotência imperialista e em país hegemônico político, econômica e militarmente na região do sudeste asiático.

Para isso, os revisionistas chineses não hesitam sequer em apriar o regime genocida de Pol Pot que praticou crimes horrendos e chacinou mais de 1 milhão de pessoas no período em que ocupou o poder.

Depois de derrubado, Pol Pot e outros contra-revolucionários, organizados em bandos diversionistas — o Khmer Vermelho e o Khmer Sereno — subvencionados e armados por Washington e Pequim, sustentam no interior do Camboja um movimento armado que visa à retomada do poder. Porém o povo cambodjano vem inflingindo à essas forças sucessivas derrotas no campo de batalha, o que leva a China a tentar inverter a situação, cada vez mais desfavorável a ela, agredindo o Vietnã. Este, por sua vez, ainda mantém tropas no território cambodjano.

Por outro lado, a China se assustou com o recrudescimento das ações



O Exército chinês, agindo em "punição e represália" ao povo vietnamita

armadas das forças guerrilheiras tailandesas, que se batem contra o regime pró-americano de Bangcoc. A China, como se sabe, atribui grande importância à consolidação dos laços com os países membros da ASEAN — Associação das Nações do Sudeste Asiático (Cingapura, Filipinas, Indonésia, Malásia e Tailândia).

APOIO NORTE-AMERICANO

Nessa cruzada, a China recebe o multilateral apoio do imperialismo norte-americano. Esle, na medida em que lhe convém para seus planos estratégicos globais de hegemonismo mundial, joga maquiavelmente a cartada chinesa, tendo em vista a formação de um eixo Washington-Pequim-Tóquio, como brigada de choque da contra-revolução no sudeste asiático. Na última visita que realizou à China, em outubro do ano passado, o secretário da Defesa dos Estados Unidos, Caspar Weinberger, declarou sem cerimônia: "Nós acreditamos que uma China modernizada, econômica e militarmente forte, contribuirá para manter a paz nesta parte do mundo". Tais declarações serviram de base para a assinatura de uma série de acordos econômicos e militares entre Washington e Pequim, que prevêem o fornecimento pelos Estados Unidos de armas, equipamentos para a construção de usinas nucleares e tecnologia para a fabricação de armamentos sofisticados.

Assim, a região do sudeste asiático vai se transformando cada vez mais num foco de tensão, onde as potências imperialistas e social-imperialistas procuram cravar suas garras através da ampliação do poderio militar.

OPINIÃO

Campanha anticomunista

A burguesia internacional, em sua cruzada anticomunista e na ofensiva ideológica voltada para desorientar os povos, aproveita-se de fatos como a agressão chinesa ao Vietnã para denegrir o socialismo. Apresenta o conflito com um desentendimento entre dois países socialistas e como um atestado de incompetência do socialismo para resolver pacificamente as querelas internacionais.

Mas, do ponto de vista do marxismo-leninismo, episódios dessa natureza trazem à tona importantes ensinamentos políticos e ideológicos para as forças revolucionárias que se batem pela liberdade, a independência e o progresso social em todos os quadrantes da Terra.

Uma agressão armada, seja qual for o pretexto que se levante para justificá-la, revela,

antes de tudo, a adoção de uma política revisionista e o abandono puro e simples dos princípios de política externa dum país socialista. O socialismo não se defende nem se constrói sob o tucão de quem quer que seja. Muito menos é socialista um país que, arguindo o combate a uma superpotência imperialista, se apoia na outra.

O verdadeiro socialismo só existe ali onde se pratica o internacionalismo proletário, o apoio e a solidariedade às lutas de libertação nacional, o combate intransigente às superpotências e demais potências imperialistas e a firme defesa da independência e da soberania nacionais.

Ações belicistas como a da China contra o Vietnã, da URSS contra o Afeganistão, e outras com propósitos semelhantes, constituem a negação de tudo isso.

Assim, a região do sudeste asiático vai se transformando cada vez mais num foco de tensão, onde as potências imperialistas e social-imperialistas procuram cravar suas garras através da ampliação do poderio militar.

Assim, a região do sudeste asiático vai se transformando cada vez mais num foco de tensão, onde as potências imperialistas e social-imperialistas procuram cravar suas garras através da ampliação do poderio militar.

(José Reinaldo de Carvalho)

Rebelião operária sacode a França

Nos últimos dias a França foi sacudida por uma verdadeira rebelião operária, em protesto contra os planos recessivos antipopulares do governo social-democrata de François Mitterrand.

Há cerca de duas semanas as regiões de Lorena, Dunquerque e Marselha, onde se concentra a maior parte da indústria siderúrgica do país foram palco de combates greves e manifestações dos operários. Em 4 de abril realizou-se uma concorrida greve geral de 24 horas em toda a região da Lorena, no Nordeste da França. Em vários pontos do país, os trabalhadores bloquearam diversas estradas, isolando a Lorena dos demais centros. Somente tiveram permissão de passar nas barreiras ambulâncias e a imprensa.

Numa fábrica, cujo fechamento está previsto para breve, os trabalhadores bloquearam os portões e

expulsaram cinco consultores norte-americanos sob a acusação de cumplicidade com os planos recessivos do governo de Mitterrand. A brutal repressão policial agrediu grevistas e dissolveu manifestações com cascotes e bombas de gás lacrimogêneo. Muitos manifestantes foram presos e feridos. Os trabalhadores, muitos dos quais votaram em Mitterrand, desiludidos com sua desastrosa política econômica e vitimados pela repressão policial autorizada pelo governo, levaram entre as faixas e cartazes contendo suas reivindicações, algumas com os dizeres: MITTERRAND TRAIADOR.

UM PLANO RECESSIVO QUE AGRAVA A CRISE

O anúncio de uma decisão do governo francês de promover a chamada "reestruturação da indústria siderúrgica" foi o estopim da revolta dos operários. O plano governamental prevê o fechamento de várias

usinas siderúrgicas e a supressão de 25 mil empregos diretos no setor, o que, por tabela, implicará na demissão de cerca de 100 mil trabalhadores cujos empregos dependem da siderurgia. O governo francês anunciou ainda sua decisão de abandonar um projeto de construção de um complexo metalúrgico de grande envergadura e de suspender a partir de 1986, por determinação da Comunidade Econômica Europeia, as subvenções para o setor, hoje operando deficitariamente.

A queda continuada da produção siderúrgica na Europa aponta para a profundidade da recessão econômica no Velho Continente. Na França, a produção anual de aço é hoje calculada em 17,5 milhões de toneladas, contra uma previsão de 30 milhões feita em 1981, quando Mitterrand assumiu o governo. Em 10 anos, a produção mundial do

aço caiu 10%, o que a nível de Europa implicou na redução do número de empregos no setor de 792 mil para apenas 500 mil. Espera-se que até 1986, somente na siderurgia, serão suprimidos 150 mil empregos nos países membros da Comunidade Econômica Europeia. Atualmente, a indústria siderúrgica europeia funciona com apenas 55% de sua capacidade produtiva.

Além da crise industrial que vai criando um estado de comorção social na França, o governo de François Mitterrand está às voltas com dificuldades cada vez maiores no setor agrícola e no comércio externo, quadro que se agrava com a exacerbação da concorrência inter-imperialista no seio do Mercado Comum Europeu e entre este e os EUA e o Japão.

SOCIALISMO DE FACHADA

No mesmo momento em que 50 mil trabalhadores da Lorena manifestavam-se nas ruas pelos seus legítimos direitos, o presidente francês declarou que não vai ceder às exigências operárias e levará à frente seu plano recessivo. Isto deixa claro que o governo chamado "socialista" de François Mitterrand, do qual participam também quatro ministros ditos "comunistas" do partido revisionista francês (PCF), é antes de tudo um gerente da crise do sistema capitalista e um zeloso administrador dos interesses da grande burguesia imperialista francesa. Na defesa desses interesses, o governo burguês travestido de socialista segue a máxima de todos os governos burgueses, de direita, de centro ou de "esquerda", segundo a qual os efeitos da crise devem ser descarregados sobre as costas da classe operária.

Assim, a realidade sombria que vive hoje a França, é mais uma prova da incapacidade do regime capitalista de promover o crescimento da produção econômica, assegurando ao mesmo tempo o bem-estar para a população.



Um navio soviético nas manobras do Pacto de Varsóvia

Arrogância militarista das superpotências

A União Soviética realizou, no início do mês, manobras militares de grande vulto no mar da Noruega. O governo dos Estados Unidos voltou a fazer barulho em torno de seu projeto "Guerra nas Estrelas", que usará satélites para atacar seu adversário. Arrogantes, as superpotências buscam intimidar os povos com a ameaça da carnificina nuclear.

As manobras militares do Pacto de Varsóvia, comandadas pela URSS, envolveram dezenas de navios (acima de 100, segundo os EUA) e mais de 20 submarinos. Foram realizadas no mar da Noruega, e coincidiram com o 35º aniversário da OTAN. Aliás, a própria OTAN realizou, um mês antes, manobras na mesma região, com mais de 150 navios e 330 aviões de nove países.

O secretário de Defesa dos EUA, Caspar Weinberger, por seu lado, anunciou que o sistema "Guerra nas Estrelas" servirá também para a "proteção" da Europa contra um ataque russo (o sistema serve igualmente para atacar os soviéticos). Não especificou, contudo, se os EUA vão exigir dos países membros da OTAN a participação nas despesas do oneroso esquema espacial, orçado em 22 bilhões de dólares!

FROCA DE ACUSAÇÕES

Além das demonstrações de força, os chefes de imperialistas trocam acusações. Tchernenko, à frente

dos revisionistas russos, disse que a URSS não aspira "à supremacia militar, mas jamais permitirá alterar o equilíbrio militar existente". O ministro das Relações Exteriores soviético, Andrei Gromiko, atacou: "A política dos Estados Unidos é guerra, guerra nuclear". Os ianques, por seu lado, responderam: "Estamos trabalhando por uma duradoura paz mundial". O secretário de Estado, George Shultz, sem poder contrapor-se às acusações de que a Casa Branca aumenta os preparativos de guerra, saiu-se com esta: "A única finalidade das armas nucleares (...) é a sua não utilização". Nem criança cai neste conto da carochinha de que os EUA estão gastando 313 bilhões de dólares em armas para elas ficarem em desuso...

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adonir Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
Telefone: 36.7511 (DDD 011). Telex: 0112133 TL0PBR.
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.
Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Oliva Rangel.

ALAGOAS: Arapiraca: Praça Marquês de São, Ed. Aníbal F. Neto. Apto. 312 — CEP 57000. Maceió: Rua Coronel Faria, 183 — Centro — CEP 57000.

AMAZONAS: Manaus: Rua Simon Bolívar, 221 (ant. Praça da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000.

AMPAIARA: Campinas: Rua José Nunes de Mattos, 12 — CEP 63000. Faria de Santana: Av. Santa Dumont, 218 — Centro — CEP 44100. Itaboraí: Av. Juracy Malheiros, 195, Sala 204 — CEP 49000. Itapetininga: Av. Santa Dumont, 44, 1º andar — Centro. Juazeiro: Rua Américo Avelar, 6A — CEP 48000. Salvador: Rua Senador Costa Filho, 345, Centro — CEP 40000. São Paulo: Praça F. de S. (ant. Praça do Ipiranga da antiga Companhia), CEP 43700.

CEARÁ: Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 203 — CEP 60000. Jaguaré: Rua Floriano Peixoto, 406, 2º andar — CEP 76900. Sobral: Av. Dom José, 1236, CEP 62000.

DISTRITO FEDERAL: Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 — CEP 70302.

ESPÍRITO SANTO: Cachoeiro do Itapemirim: Praça Getúlio Monteiro, 86, 2º andar — CEP 27000. Vitória: Rua Francisco Araújo, 77 (antiga com. e. GOIÁS) Goiânia: Rua 23, nº 99 — Centro — CEP 74000. Formosa: Rua Emílio Rios, sala 4 — CEP 77200.

MARANHÃO: São Luís: Rua da Saldanha, 99, Centro — CEP 65000.

MATO GROSSO: Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548, Fone. 321.5095 — CEP 13000.

MATO GROSSO DO SUL: Campo Grande: R. Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 115 — CEP 79000.

MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 317, Fone. 224.7805 — CEP 30000. Belo Horizonte: Condição Variável — CEP 31100.

PARÁ: Belém: Rua Aristides Lobo, 620 — Centro — CEP 66000.

PARANÁ: João Pinheiro: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 — Caixa Postal 100 — CEP 59000. Curitiba: Rua Vendelino Neves, 318, 1º andar — CEP 81000.

PARANÁ: Curitiba: Rua Marinho Albernaz, 370 — CEP 87000. Londrina: Rua Senador José, sala 7 e 8 — CEP 96100.

Pernambuco: Recife: Rua Eneias Mattos, 1130, 1º andar — CEP 84000.

PERNAMBUCO: Cabo de Santo Agostinho: Rua 236 — CEP 54500. Garanhuns: Rua 1138, Matos, 60, 1º andar, sala 101 — CEP 55200. Recife: Rua Domingos, 221, Boa Vista — CEP 50000.

PIAUÍ: Teresina: Rua Forquilha e Silva, 1056, sala 202 — Recreio — CEP 30911.

RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29 — CEP 90000. Caxias do Sul: Rua General Câmara, 1891, 2º andar, Fone. 35.9100. Itanópolis: Av. Amador Bueno, 1350, Fone. 35.9100. Passo Fundo: Rua General Câmara, 1891, 2º andar, Fone. 35.9100. Santa Cruz do Sul: Av. Amador Bueno, 1350, Fone. 35.9100. Torres: Rua General Câmara, 1891, 2º andar, Fone. 35.9100.

RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro: Rua São João, 90, sala 2008 — CEP 20000. Rio de Janeiro: Rua Carvalho de Souza, 155, 10A F. Machado — CEP 20000. Niterói: Av. Amador Bueno, 1350, sala 207 — CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 — CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Floriano, nº 2048, sala 4 — CEP 26000.

RODRIGUES: Boa Vista: Rua Avelino Paula Sarmento, 625 — Bairro São Francisco — CEP 35000.

SÃO PAULO: Campinas: Rua Regener Fagundes, 582 — CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro II, 1º andar — CEP 13000. Osasco: Rua XV de Novembro, 155, Apto. 402, 2º andar, sala 12 — CEP 06000. Piracicaba: Rua XV de Novembro, 728, sala 3 — CEP 13400. Ribeirão Preto: Rua XV de Novembro, 155, Apto. 402, 2º andar, sala 12 — CEP 13000. São João del-Rei: Rua XV de Novembro, 155, Apto. 402, 2º andar, sala 12 — CEP 14100. Santos: Av. Dom Pedro II, 155, Apto. 402, 2º andar, sala 12 — CEP 13000. Tatuapé: Rua XV de Novembro, 155, Apto. 402, 2º andar, sala 12 — CEP 13000. Sorocaba: Rua XV de Novembro, 155, Apto. 402, 2º andar, sala 12 — CEP 13000. Uberlândia: Rua XV de Novembro, 155, Apto. 402, 2º andar, sala 12 — CEP 13000. Vitória: Rua XV de Novembro, 155, Apto. 402, 2º andar, sala 12 — CEP 13000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação mensal da Editora Anita Garibaldi Ltda. Compõe e impressa pelo Gráfico Editorial, Rua Manoel Antonio Garibaldi, 138, CEP 23.7400 — São Paulo, SP.



Paris volta a ser palco de enfrentamentos entre operários e soldados do "socialista" Mitterrand

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, no valor abaixo assinalado.

Rua Adonir Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP. CEP 01318.

() Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 200,00,00

() Anual comum (52 edições) Cr\$ 10.400,00

() Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 9.000,00

() Semestral comum (26 edições) Cr\$ 4.500,00

() Anual no exterior US\$ 70,00

Nome:

Endereço:

Bairro: Cidade: Estado:

CEP: Profissão: Data:

Comício aplaudiu a firmeza



30 mil sertanejos exigem as diretas

Cerca de 30 mil sertanejos (20% da população da cidade) participaram do comício pró-diretas em Petrolina, uma das maiores cidades pernambucanas, no dia 7. Mesmo sendo governada pelo PDS, a população acorreu ao centro da cidade, para ouvir Jarbas Vasconcelos, Miguel Arraes, Ulysses Guimarães, Jurema e outros, e exigir o direito de eleger o presidente.

Empolgação no interior do MT

A campanha das diretas empolgou o interior de Mato Grosso, Arapitanga, Colider, Quirinópolis, Mirassol, Poconé, Porto dos Gaúchos e Torixeu foram algumas das localidades que tiveram comícios. Poconé, Quirinópolis e Torixeu são currais eleitorais do PDS, mas cerca de 15 mil pessoas foram às ruas manifestando seu desejo de eleger o presidente. Dante de Oliveira, deputado mineiro que propôs o projeto instituinte das diretas este ano, foi homenageado pela Câmara dos Vereadores de Curitiba.

Suspensas as aulas em Campos

Em Campos, a maior cidade do interior do Rio de Janeiro, cerca de 5 mil pessoas participaram do comício realizado dia 6, para exigir o direito de votar para presidente. As escolas secundaristas estaduais paralisaram as aulas no período da tarde, saindo em passeata com os universitários no centro da cidade.

Diretas apavoram o ministro Abi-Ackel

—Se eu fosse deputado e entrasse no meu gabinete um prefeito pedindo voto para a emenda das diretas, eu o expulsaria. A declaração do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel. Ele também deu sua opinião sobre os governadores do PDS que apoiaram a emenda: "São todos uns imbecis". E o desespero de quem está para perder as mordidas do poder.

Grande Marcha do Oeste do Paraná

A Grande Marcha do Oeste do Paraná. Assim ficaram conhecidas as manifestações nos dias 31 de março e 1º de abril em Cascavel, Céu Azul, Medianeira, São Miguel do Iguaçu, Santa Teresinha do Itaipu e Foz do Iguaçu exigindo diretas. Em Cascavel cerca de 8 mil pessoas participaram do ato pelas eleições.

Mensagem de preso político em Foz

"Queria estar participando pessoalmente do comício pelas eleições diretas dia 1º de abril, em Foz do Iguaçu, mas não posso. Teria o direito e o dever de estar presente, mas o direito me foi cassado... Assim começa a mensagem que Juvenio Mazzarolo — então em greve de fome para exigir sua liberdade — enviou ao comício que reuniu quase 4 mil pessoas em Foz de Iguaçu onde é editado o jornal "Nosso Tempo", de Juvenio.

Ação dos inimigos da liberdade

No comício de Foz de Iguaçu, os inimigos da liberdade também estiveram presentes. Emerson Peixoto, candidato a vereador pelo PDS derrotado nas últimas eleições, atacou um militante que distribua panfletos do PC do B. Os populares impediram que o pedesseista continuasse com sua agressão. Também o vice-presidente do PMDB da cidade, Lucas Silvestre, arrancou o microfone das mãos do membro da Comissão Estadual pela Legalidade do PC do B, quando este foi apresentado pelo deputado Mário Pereira, que defendeu a legalidade para todos os partidos políticos.

Cachoeiro também quer a eleição

Dia 14, Cachoeiro de

Itapemirim, Espírito Santo, realiza sua manifestação pelas diretas, com a presença dos artistas Joelma, Sérgio Sampaio, Carlos Imperial, Jece Valadão (irmão do prefeito), Roberto Valadão, PMDB) e Vera Gimenez, além de políticos de todos os partidos.

Caminhada baiana será no dia 18

Uma caminhada pelas diretas será realizada dia 18 em Salvador, com charangas, trio-elétrico e muita vibração; será a última manifestação pelas diretas programada pelos baianos antes da votação da emenda Dante de Oliveira. Os organizadores prometem fazer um ato maior do que o comício de 20 de janeiro do qual participaram 35 mil pessoas.

Votação da emenda no telão de Sergipe

Também em Sergipe, a luta pelas diretas ganhou as ruas, apesar de o PDS governar o Estado. No dia 6, foi inaugurado o Placard das Diretas em Aracaju, com um ato no qual fizeram representantes de partidos oposicionistas e lideranças populares. Alvo Vieira, da Comissão pela Legalidade do PC do B, destacou a necessidade de o povo se organizar em comitês unitários, pelas diretas para garantir o êxito dessa luta. Mesmo no interior sergipiano estão sendo realizados comícios, como em São Cristóvão e Boquim. No dia 25, será instalado um telão na praça Fausto Cardoso, na capital, para que o povo possa acompanhar a votação da emenda pró-diretas.

Sindicatos de Minas lançam Manifesto

"Só a classe trabalhadora presente nas praças e nas ruas saberá sustentar até as últimas consequências as eleições diretas já e a legitimidade total da sociedade com a liberdade para todos os partidos e o fim do poder", diz o Manifesto. E a nossa hora. E em ele, um novo amadurecer da sociedade brasileira. Essa é a conclusão do manifesto de 21 entidades sindicais mineiras.

Dia do Amarelo no Banco do Brasil

Os funcionários do Banco do Brasil em São Paulo foram criativos na sua manifestação pró-diretas: no dia 5 realizaram o "Dia do Amarelo". Eles usaram broche ou tirinha no cabelo ou brinco, ou mesmo camisa da cor amarela da campanha. Distribuíram também uma Cartilha Aberta aos clientes do banco sobre as eleições diretas e sobre sua luta contra o decreto 2.100, que arrocha seus salários, além da exigência do fim da intervenção no Sindicato da categoria em São Paulo.

Os malufistas que se cuidem!

Um jornal paulista fez 3 mil entrevistas em São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre e Curitiba, perguntando: "O sr. votaria nas eleições de 1985 em um deputado que tenha se aumentado do plenário ou votado contra a emenda Dante de Oliveira (lotações) em 25 de abril de 1984?". A resposta foi esmagadora: 80,4% dos entrevistados não votariam em quem for contra as diretas. Que se cuidem os malufistas!

Ponto facultativo em Itabuna dia 25

Mais de 30 mil pessoas lotaram a praça Adami, em Itabuna (BA), dia 6. Oradores de vários partidos defenderam as diretas, e o membro do Comitê pela Legalidade do PC do B, Perciles de Souza, falou que os comunistas não fizeram outra coisa que não fosse lutar pela destruição do regime militar. "Perciles foi várias vezes interrompido pelos gritos da multidão de: 'Legalidade! Legalidade!'". O prefeito, Ubaldo Dantas, comprometeu-se a decretar ponto facultativo na cidade, dia 25, para o povo acompanhar a votação da emenda das diretas.

No comício do dia 10, na Candelária, a impressionante multidão de mais de 1 milhão de participantes ouviu nada menos que 50 oradores — desde o presidente da UBES, Apolinário Rebelo, que abriu a manifestação às 16:10 horas, até o governador Leonel Brizola, que a encerrou às 21:30. Quanto mais firmes eram os discursos, maiores os aplausos.

O peso político das personalidades presentes no planalto era considerável. Além de Brizola, ali estavam os governadores Tancredino Neves, Franco Montoro, José Richa, Gérson Camata; os presidentes nacionais do PMDB, Ulysses Guimarães; do PDT, Doulet de Andrade; e do PT, Lula. Igualmente significativa foi a participação de um jurista como Afonso Arinos, e do decano dos advogados Sobral Pinto, que aos 90 anos de idade discursou pedindo, entre palmas, "que se restitua o parágrafo 1º do artigo 1º da Constituição, que diz que todo poder emana do povo e em seu nome será exercido". No plano popular, também teve grande expressão a presença da vendedora Dona Zica da Mangueira, figura histórica do samba.

SEM NEGOCIAÇÃO

Contudo os discursos que mais entusiasmaram o povo foram aqueles que apontaram sem reticências a necessidade de um combate intransigente e sem tréguas ao governo militar e seu plano de perpetuar-se através do Colégio Eleitoral. O presidente da UNE, Aécidion Paes, depois de lembrar que "esse regime é responsável pelo assassinato de centenas de jovens que lutavam pela liberdade e justiça", pediu que a própria multidão se pronunciasse, a favor ou contra qualquer negociação em torno da exigência de eleições diretas-já. Todos os braços se levantaram, em meio a forte ovação, para proclamar que as diretas-já são negociáveis.

Ayrton Soares, líder do PT na Câmara dos Deputados, também foi fortemente aplaudido ao dizer que "se ganhar Maluf ou Andreazza nós vamos voltar às ruas, mas não para fazer comício e sim para arrancar esses homens do poder". A atriz-debutista Ruth Escobar levantou o público ao propor para o Colégio Eleitoral a mesma receita exposta por



O povo presente votou e aprovou: não se negocia com o governo a bandeira das diretas-já para presidente

um garoto de dez anos, da Paraíba, que se alimentava de ratos: "A gente corta o pélo, corta o garro, corta a pata, joga na água fervendo, dá uma limpezinha, põe no fogo e come".

Apresentado por Cristiane Tordini com muita cautela, para não despertar a ira do povo, o deputado Theodorico Ferrão, do Grupo Pró-Diretas do PDS, terminou também arrancando aplausos. "Meus companheiros do PDS — disse — precisamos estar aqui para ver o maior espetáculo da Terra, uma multidão que deseja dar um basta no governo que aí está, cheio de corrupção e dirigido pelo FMI".

Extremamente aplaudido, Mário Juruna afirmou que "o Brasil já cansado, estragado, precisa eleição. E vocês que vai fazer eleição. E o povo, não é o presidente. Não é esse pessoal milico, general".

O SAMBA E O MIMO

Entre os artistas, sobressaiu a declaração enfática de Taiguara, que esteve entre as que mais arrebataram o público. "Daqui para frente — sublinhou —, nós vamos ser mais democráticos do que nunca. Vamos dar o direito de falar a todos os partidos que

não estão registrados". E lembrou que canta "para este milhão de nós que estão aqui, que é para derrubar a ditadura militar que levou o país à desonra nacional e ao FMI".

O sambista João Nogueira fez o povo cantar em peso o refrão de seu samba, que diz "Diretas, ô, este ano é nossa meta, vai tirando o seu da reta, o povo já sabe o que quer". Porém a música que mais emocionou foi, outra vez, "O Menestrel das Alagoas" a qual, cantada por Fafá de Belem, tem se imposto como verdadeiro hino da campanha pelas diretas.

No comício do Rio, como tem ocorrido na maioria das vezes, havia uma disparidade entre a presença maciça da gente simples do povo, na praça pública, e a diminuta participação das lideranças genuinamente populares no planalto e no microfone. Centenas de dirigentes do povo que suaram a camisa na arremetida, viram-se preferidos por figuras da política tradicional, nem sempre empenhadas a fundo na campanha de massas por eleições diretas. Este vício antigo, com raízes fundas, só a organização das massas conseguirá sanar.

A emenda pode passar

A vitória da emenda Dante de Oliveira esta ao alcance da mão. O comício do Rio elevou a campanha pelas diretas-já a um novo patamar. Mostrou que o povo não aceita negociar este seu direito democrático. Ficou selado que um presidente biónico não tem mais condições de governar o país. Quem não percebe isto está fora de sintonia com o Brasil.

O governo vinha tentando criar um clima negativista, espalhando que a emenda das diretas-já não teria condições de passar no Congresso. E certos oposicionistas desceram da força do povo, tomando iniciativas no rumo das negociações, colaboravam com esse pessimismo. No próprio planalto da Candelária, o sentimento de alguns políticos da oposição burguesa estava muito aquém do entusiasmo vibrante com que o povo ocorreu ao comício.

Mas a presença majestosa de mais de um milhão de pessoas nas ruas respondeu de forma contundente ao governo e aos indecisos. O brado das massas foi enérgico: A emenda pode e deve passar. Os brasileiros repudiam ameaças e não aceitam barganhar os seus direitos. Eleições diretas já!

JOGO SUJO

Os ocupantes do Planalto sentiram que o governo não tem como impor o que querem. A alternativa para eles é tentar uma saída negociada com setores da oposição, que ao mesmo tempo acomode os conflitos no PDS. Usam a tática de criar dúvidas e vacilações na oposição, ao lado do emprego da corrupção e da chantagem entre os pedessistas rebeldes.

A situação chegou a tal ponto, que mesmo as regras políticas atuais se tornaram caducas até para assegurar a continuidade do regime. A briga de interesses entre os donos do poder é tamanha, a ponto de eles terem uma derrota do candidato escolhido pelos militares, mesmo no Colégio Eleitoral. Por isto, pretendem adiar o problema com um mandato-tampão, que lhes daria mais alguns anos para mudar as regras do jogo a seu favor.

As ameaças de "emergências" e ao mesmo tempo o aceno de "concessões" com o tal emendamento, prometido por Figueiredo mas até agora não revelado, fazem parte desta trama. O governo devolveria as eleições para prefeito nas capitais e municípios de segurança nacional, acabaria com o instrumento do decurso de prazo e, em contrapartida, jogaria as diretas para o futuro. E um jogo sujo. Oferece o que os democratas sempre exigiram e o Planalto sempre boicotou, para impedir a questão maior hoje, que o povo necessita com a máxima urgência: a eleição direta já.

A nação quer eleger os prefeitos. Não suporta mais o odioso expediente do decurso de prazo. Anseia por devolver ao Legislativo outras prerrogativas, como o direito de legislar sobre matéria financeira. Quer também impedir o Executivo de governar através dos decretos-leis. Mas é inaceitável traficar com estas questões, que são direitos democráticos, para abrir mão das diretas-já, que são inadiáveis e negociáveis.

Entretanto nem este emendamento o governo consegue costurar. Na hora de decidir quem fica na cabeça do tal mandato-tampão, imediatamente recomeça a disputa furiosa — nas fileiras do regime, com os dissidentes do PDS e nos possíveis oponentes da oposição. Portanto até mesmo esta falcatrua está difícil de se materializar.

RUMO DA VITÓRIA

Quanto à oposição, não há o que alegar. Assim como o comício da Praça da Sé marcou o rumo até agora, daqui para frente é repetir o exemplo dos cariocas. Sair aos milhões na rua, em todos os pontos. Não há por que arrefecer os ânimos. A luta abre o caminho da vitória. E no dia 25, todo o país estará na grande vigília civil, aprovada nacionalmente. Não será a greve geral, que alguns propuseram sem maior repercussão, principalmente porque o movimento sindical não se engajou na luta pré-diretas de forma suficiente para permitir o empreendimento desta forma de combate neste instante. Mas de uma forma ou de outra, os brasileiros saberão encontrar um jeito, até com greves, para manifestar sua vontade e expressar seu alerta sobre a votação em Brasília. (Rogério Luvizola)

A presença dos comunistas na avenida

Um cartaz apontando os "presidenciáveis" Maluf e Andreazza como foragidos procurados, e assinado pelo PC do Brasil, fez verdadeiro furor no comício de 1 milhão na Candelária. Nas mãos de centenas de populares, que o procuravam espontaneamente, ele enfeitou o visual da manifestação. E onde foi afixado, nas paredes, nas ruas centrais do Rio, reunia 30, 40 pessoas à sua volta, despertando simpatia e apoio.

O PC do B, desde o início empenhado na campanha pelas diretas, e um dos que mais batalharam pelo sucesso do comício, esteve presente também com faixas, bandeiras. Vendeu cerca de um milhão de exemplares de seu órgão central, o jornal "A Classe Operária". E esgotou seu sortimento de distintivos em defesa da sua legalização. Mais uma vez ficou patente que, na medida em que o povo ganha a praça pública e atua como força independente, não há arbitrio nem lei fascista capazes de impedir que os comunistas apareçam com sua fisionomia própria, em unidade e em pé de igualdade com todas as forças progressistas.

Na preparação do comício, uma delicada polémica havia se estabelecido em torno do direito dos partidos não-legalizados a usar da palavra. O Comitê Pró-Diretas, com grande unidade, defendia intransigentemente esta prerrogativa, destacando o empenho dos comunistas no trabalho prático da campanha. Já o governador, submetido a pressões de Brasília, resistia. Ao final, o problema foi contornado e ficou estabelecido que a Comissão pela Legalidade do PC do B poderia indicar um orador no comício, desde que fosse um parlamentar.

DIREITO A PALAVRA

Falando ao microfone nesta condição, o deputado federal e operário metalúrgico de São Paulo, Aurélio Peres foi bastante aplaudido. "Vim — afirmou — para mostrar que a classe operária está presente na luta pelas eleições diretas-já. A classe operária tem sido prejudicada ao longo destes 20 anos. Deseja a liberdade, para se organizar livremente. Para botar para fo-



O cartaz dos "foragidos": nas mãos do povo

ra os generais e os corruptos. E para construir o socialismo no país. A participação dos comunistas, não só no árduo trabalho prático de propaganda e mobilização pelas eleições presidenciais diretas mas também entre as correntes políticas que têm o direito de se pronunciar nos grandes comícios pela to de se pronunciar de esta maneira com uma significativa conquista democrática. E o povo, impedido durante os anos de terror fascista de ouvir o que dizem os comunistas, mostrou mais uma vez no Rio que tem todo interesse em conhecer esta mensagem.

Foto: Fernando Bimental

Maior garra na preparação da passeata paulista

“No pique da luta pelas diretas, o comício do Rio deu força para a passeata de São Paulo”, afirmou Almino Afonso, secretário estadual dos Negócios Metropolitanos, na reunião do Comitê Paulista Pró-Diretas, dia 11. Dela os representantes das 65 entidades presentes saíram com mais garra para preparar a manifestação do dia 16, no centro da capital.

Aplaudido, Almino Afonso anunciou que o “metró terá suas catracas abertas por tempo integral no dia da passeata, possibilitando uma grande participação do povo paulista. Também empenharia esforços para que as empresas privadas liberem gratuitamente seus ônibus”. Contagiado pelo um milhão de cariocas na rua, Almino alertou: “Não podemos deixar que São Paulo termine a batalha das diretas com um fiasco. É questão de honra realizarmos uma grande passeata contra o regime autoritário. Condições subjetivas existem, a população está animada, quer que os militares voltem para o quartel o mais rápido possível. Só faltam os meios para que o povo faça uma grande manifestação”.

ANUNCIO NA TV

Até terça-feira a mobilização para passeata paulista ainda era tímida, com iniciativas de alguns comitês populares e entidades, como o Sindicato dos Metalúrgicos (ter box). O governo do Estado, envolvido na greve dos professores e com uma postura vacilante, pouco havia feito para convocar os paulistas, recusando-se a colocar sua máquina a serviço da campanha. Com o comício da Candelária houve uma virada, demonstrada na reunião unitária do comitê.

Franco Montoro, governador do Estado, já afirmou: “Dia 16 irei à caminhada ao lado do povo de São Paulo, que reafirmará sua determinação de eleger o próximo presidente da República”. E Fernando Henrique Cardoso, presidente regional do PMDB, anunciou na reunião que o governador e os dirigentes dos partidos opositores irão à TV e rádio para fazer uma declaração conjunta convocando a população para passeata.

Na programação intensa e unitária para os dias que antecedem o ato estão previstos grandes mutirões em oito pontos centrais da capital e na sexta haverá uma passeata no centro do município. Nas cidades a mobilização será intensificada, segundo Flávio Dias, diretor da União Nacional dos Estudantes. “Prendemos realizar passeatas de toda a comunidade universitária, saindo das faculdades e concentrando-

se na Sé”. A PUC realizará o Tribunal das Diretas na sexta-feira.

“UM MILHÃO NAS RUAS”

Animado com o “sucesso absoluto do Rio”, Valdemar Chubbaci, vice-presidente do PMDB, acredita que a mobilização dos cariocas e a cobertura dada pela televisão “influiu positivamente na passeata do dia 16, que será uma grande manifestação”. Para ele a emenda Dante de Oliveira

tem todas as chances de ser aprovada no Congresso: “Depois do comício do Rio e da passeata de São Paulo só alguém muito comprometido com este sistema não se comove com o apelo dramático do povo”.

Perseu Abramo, membro da Direção Nacional do PT, arrisca dizer que “teremos na passeata um número de pessoas equivalente as presentes no Rio. Tenho certeza que o comício dos cariocas teve influência decisiva. Ele animou a mobilização popular no resto do país, principalmente em São Paulo, e influenciou os congressistas. Muitos indecisos se dispôs a votar na emenda das diretas”.

Operários participam de maneira organizada

O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo agora joga pesado na mobilização da enorme categoria de 330 mil operários para a passeata do dia 16. Já saíram 120 mil exemplares do jornal “O Metalúrgico”, órgão do Sindicato, com a manchete “Vamos lá!”, assim como 200 mil convocatórias destinadas à porta das fábricas, enquanto outras tantas foram destinadas à distribuição nas feiras este fim-de-semana.

O Sindicato dispôs-se a levar milhares de metalúrgicos organizados ao comício, em ônibus alugados — entre 30 e 40 — cuja distribuição ficou a cargo de reuniões amplas com ativistas de fábrica, sexta-feira, na sede e nas seis subseções da entidade. Foram confeccionadas 5 mil camisetas pró-diretas e também feitas para as fábricas, que as solicitarão, como por exemplo a Matarazzo e a Metal Leve.

O plano para o dia da passeata é reunir os metalúrgicos na sede da Galvão Bueno e realizar uma marcha de lá até o centro da cidade, para incorporar-se aos demais manifestantes. Nair, diretora do Sindicato, lembra que o horário da passeata desfavorece os metalúrgicos, que saem do trabalho às 17 horas, mas mesmo assim confia numa presença massiva, e argumenta: “Os trabalhadores mais do que ninguém exigem as diretas já. Eles são os mais interessados na liberdade”.

Mas não são só os metalúrgicos.



O órgão do Sindicato: campanha

O retumbante sucesso do comício da Candelária injetou ânimo novo nos quase 70 comitês pró-diretas criados na capital paulista, que passaram a trabalhar a todo vapor. Não distante periferia sul da cidade, os comícios de bairro reúnem até 2 mil pessoas, como no caso de Interlagos. Na região de Vila Prudente, Zona Leste, com duas concentrações preparatórias marcadas para domingo, pequenas iniciativas a nível local espelham a vitalidade da campanha. Os moradores do Conjunto Cohab e Pró-morar, e do Parque Santa Madalena, por exemplo: já fizeram um “arrastão” e organizaram uma passeata convocatória: as mulheres da área também deflagraram uma campanha de venda de garrafas velhas para custear a caravana que irá a Brasília dia 17.



Foto: Emerson Amaral

100 mil no comício das diretas em Natal

Cerca de 100 mil pessoas superlotaram a praça Gentil Ferreira, em Natal, dia 6, no grande comício pelas diretas. Os principais dirigentes dos partidos políticos estiveram presentes. “A nação vai vencer e precisa vencer. O povo não pode ser derrotado”, afirmou o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães. Repentistas versaram sobre as eleições

diretas, e o representante da Comissão Pela Legalidade do PC do B também teve direito a palavra. Vários artistas se apresentaram na praça, dentre os quais Terezinha de Jesus, João do Vale, Miucha, Cristina Buarque, Chico Buarque, Wagner, Faíla de Belem etc. A multidão ficou na praça até de madrugada, quando encerrou o comício.

O povo tirou Mazzarollo do cárcere do regime militar

Juvêncio Mazzarollo, jornalista, filho de lavradores de Veranópolis, Rio Grande do Sul, está livre. Era o último preso político brasileiro, condenado pela LSN por ter publicado artigos no jornal “Nosso Tempo”, de Foz de Iguaçu, acusando o regime militar de crime contra o povo. Juvêncio foi solto dia 6, depois de grande mobilização popular e graças a sua própria disposição de luta: fez greve de fome duas vezes.



Foto: Chico Aravilla

Logo depois de libertado, Juvêncio deu entrevista à Tribuna Operária, em Curitiba, lembrando a contribuição do jornal à luta por sua libertação. Avaliando politicamente o processo que viveu, Juvêncio Mazzarollo declarou: “O que aconteceu comigo foi a liberdade. Os princípios foram fundamentados em matérias publicadas num jornal. A expressão de pensamento é que foi castigada. Havia e ainda há um conflito entre o Estado e o povo, entre o governo e a nação. Foi neste entrelaço que acabei pagando este preço alto, absurdo”.

GOLEADA NA REPRESSÃO
“Quem me condenou, me pôs no cárcere todo este tempo, deveria ter usado o mesmo recurso por mim utilizado, rebater na própria imprensa. E uma

atitude incivilizada, bárbara, colocar na prisão um cidadão que expressa os fatos que vê, ouve em sua comunidade, como fizemos. E como se um time de futebol, ao perder uma partida, partisse para a agressão física. O que aconteceu comigo foi isso. Estávamos dando uma goleada na repressão, na violência social e policial que existia na região de Foz, numa administração voltada para um grupelho que cercava Itaipu, enquanto a população vivia marginalizada e a corrupção comendo solta na cidade, na Prefeitura, nos órgãos públicos em geral”.

Falando sobre a atual situação política no país, Juvêncio afirmou: “Nestes 18 meses em que estive confinado, busquei uma forma de sair de cabeça erguida. Tive oportunidade de acompanhar a fundo a realidade brasileira. E confesso minha preocupação com os rumos do país. Em primeiro lugar pelos números que indicam as dificuldades extremas que temos de enfrentar. Temos uma população de miseráveis absolutos maior do que a população da Argentina”. Os números da fome, da doença, da falta de moradia e de escolas são desafios que espantam.

“Se o comportamento do regime nos preocupa, este movimento popular que está nas ruas (tomando conta do país, basicamente em função das diretas, mostra que o povo está pronto para partir para a mudança. A força popular está crescendo de uma forma tal que não permite pessimismos”.

Perguntado sobre os planos que tem em sua luta, agora que se tornou conhecido nacionalmente como um homem ligado à luta pelas liberdades políticas, Mazzarollo concluiu: “Me coube encerrar um ciclo de pressões políticas. Eu gostaria de ter fechado as portas dos cárceres políticos para sempre. Vou seguir meu caminho de luta, procurar manter a coerência que tenho mantido mesmo no cárcere. Estamos dispostos a batalhar pela causa nacional, da libertação do Brasil. E os papéis que surgirem neste imenso teatro, estando a nosso alcance, não fugiremos de assumir”.

Luta popular faz aumentar o grupo pró-diretas do PDS

“Devo reconhecer: vocês já ganharam na Câmara”, confessou o malufista Amaral Neto (PDS-RJ) ao seu colega Albérico Cordeiro (PDS-AL), um dos coordenadores do grupo pró-diretas do partido do governo. Após o comício do Rio, os diretistas do PDS ganharam novas adesões, tornando ainda mais concreta a possibilidade de vitória da emenda das diretas já.

Realmente, o grupo pró-diretas está engrossando — de 60, passou para 66 integrantes. E muitos deputados pedessistas, após o comício da Candelária, passaram a confessar nos corredores do Congresso tendências até então desconhecidas de votar pelas diretas. Um exemplo é o deputado José Fernandes (PDS-AM), que afirmou que votará na emenda Dante de Oliveira e passou, inclusive, a ostentar um broche das diretas na lapela.

O grupo pró-diretas foi empurrado para uma definição não apenas pelo comício do Rio, mas também por pressões dos

eleitores, chefes políticos, interesses no processo sucessório, briga com os governadores, e até por sentimentos democráticos de alguns de seus membros.

Entre os mais de 60 adeptos declarados do pleito direto, os aurelianistas compõem um bloco de quase 20 deputados, que estão convencidos da inviabilidade de seu presidencialismo no processo indireto. “Não há mais como recuar”, diz o deputado Paulo Queiroz, PDS-MS, aurelianista.

Outros pedessistas ainda não estão envolvidos com quaisquer dos presidencialistas, e têm motivos diversos para se oporem às indiretas. São divergências com o governador de seu Estado ou com o governo federal: a pretensão de concorrer às eleições para prefeitos das capitais ou governos estaduais, ou mesmo questões de foro íntimo que ainda têm lugar em alguns parlamentares novos do partido do governo. Tudo isto são motivos para que votem nas diretas, desde que o PDS não leve questão contra e eles não corram o risco de perder seus mandatos.

PRESSÃO POPULAR

A outra parte do grupo é difusa, soma maior número e apenas começa a se convencer de que deve votar mesmo nas diretas. Eles são malufistas e andreaezistas e, pressionados pelos eleitores e cabos eleitorais locais, foram impelidos para o grupo pró-diretas. Esperavam a emenda do governo ou simplesmente o fechamento de questão contra as diretas para pular fora.

“Agora temos que votar a emenda das diretas já. O povo do Rio jamais vai esquecer esse comício”, comentou um deputado fluminense que figurava entre os indiretistas. É Amaral Neto, o malufista que deu a informação, calculava àquela altura do campeonato que seria o único da bancada do Rio a ter “coragem de votar contra a emenda das diretas”.

Euforia à parte, apenas nas vésperas da votação da emenda é que se terá uma ideia das reais proporções do movimento dissidente do PDS. Pelos últimos cálculos, faltariam apenas 10 votos para garantir a aprovação da emenda Dante de Oliveira, na Câmara. Para esvaziar as discussões da luta pelas diretas sobre os parlamentares, as presidências da Câmara e do Senado programam um longo feriado de semana santa. (Moacyr Oliveira Filho, de Brasília)

Alagoas avalia os mandatos populares

Com maciça participação de políticos, representantes de entidades comunitárias, sindicais, estudantis e democráticas de Alagoas e personalidades, o Comitê Político Unificado do Deputado Eduardo Bonfim e vereadores Jaredo Viana e Edelto Ticianeli (todos do PMDB) realizou, dias 7 e 8, o 1º Encontro de Avaliação da ação dos três parlamentares nas lutas do povo.

Mais de 700 pessoas lotaram o auditório da sede do comitê, muitas vindo do interior, como o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Ana do Ipanema, José Vieira, uma caravana de 22 operários de São Miguel dos Campos. Como afirmou o operário têxtil José Narciso dos Santos, “o importante do encontro é a participação do povo”. Como os parlamentares vão saber dos problemas do povo se não discute com ele?”



Foto: Cláudio Marcolino

de encontro, foi feita uma consulta aos políticos presentes e a partir daí, como forma de alargar a atuação do comitê, sua composição foi ampliada com a adesão de dois vice-prefeitos, e 10 vereadores de várias cidades do interior. Também foi criado um comitê de coordenação do Comitê Unificado.

deputado Eduardo Bonfim afirmou: “Estamos dando início a uma nova forma de exercício do mandato parlamentar. Isso é novidade até mesmo para nós, mas ficou visível que o resultado é amplamente positivo, e renderá frutos”. O encontro foi encerrado num clima de euforia entre todos os presentes. (da sucursal).

Aldo defende nacionalização dos remédios

A batalha pela defesa da indústria nacional de produtos farmacêuticos — tão importante e estratégica como a defesa da reserva de mercado para a informática nacional — passa para uma nova fase com o projeto de lei elaborado pelo deputado federal do PMDB-GO, Aldo Arantes. O projeto foi apresentado no lançamento da Campanha pela Nacionalização da Indústria Farmacêutica.

A lei institui o monopólio estatal sobre a importação e a produção das matérias-primas necessárias à indústria de medicamentos, assim como trata da nacionalização dos produtos finais. O projeto não saiu apenas da cabeça do deputado Aldo Arantes. Ao contrário, representou o coroamento de um processo de consultas aos órgãos profissionais e estudantes vinculados ao setor de saúde. Na apresentação do projeto, Aldo denunciou a penetração profunda do capital estrangeiro no setor, que já acarreta um controle de 90%.

Na USIBA Operação-tartaruga

Desde a meia-noite de 8 de abril, os operários da USIBA, siderúrgica estatal baiana, estão realizando uma operação-tartaruga. Os 1.600 operários reivindicam estabilidade por um ano, além de cinco delegados sindicais. A empresa, agora não aceita as propostas dos trabalhadores, vem protelando as soluções.

Como a COSIPA — Companhia Siderúrgica Paulista — a USIBA faz parte do Grupo Siderbrás, mas é uma das empresas em que as condições de trabalho são as piores possíveis. Por exemplo, enquanto o menor salário da COSIPA é Cr\$ 233 mil, o piso salarial da USIBA é Cr\$ 60 mil. (da sucursal)

Jornalistas mantêm luta na "Tribuna"

O fotógrafo Romero Mendonça e o editoralista Chico Flores fizeram greve de fome durante sete dias contra o fechamento do jornal "A Tribuna", do Espírito Santo — o que levou ao desemprego de 70 jornalistas. Mas o Grupo João Santos, proprietário do jornal, não voltou atrás em sua decisão de fechar o jornal. Com a saúde debilitada, os jornalistas em greve de fome foram internados, e tiveram que suspender o movimento. Chico Flores declarou: "Saio da greve de fome mas o movimento continua. Espero que quando sair do hospital os reporteiros estejam nas máquinas escrevendo e os fotógrafos fotografando com a mesma garra e vontade de fazer um jornal, não para o patrão, mas sim para o povo capixaba".

Sindicalistas, políticos e populares expressaram sua solidariedade à luta dos funcionários do jornal "A Tribuna". O próprio governador do Estado, Gérson Camata, visitou os jornalistas que estavam em greve de fome e expressou sua solidariedade às mobilizações contra o fechamento do jornal.

Lançado livro sobre História dos Bolcheviques

A Editora Maria Quitéria e a Literarte lançaram quinta-feira, dia 12, o primeiro fascículo do livro "História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS" (capítulos I e II), que tratam da formação do Partido da classe operária da Rússia. O lançamento foi às 18 horas em Salvador, na Literarte (R. Carlos Gomes, Edifício Santo Amaro), com a presença do editor Péricles de Souza, antigo militante comunista. (da sucursal)

Protesto de desempregados em Pernambuco

No dia 6, o centro de Recife parou, com a vigorosa manifestação de motoristas e cobradores de ônibus desempregados. Após uma concentração em frente ao Sindicato dos Metalúrgicos, eles foram para a principal avenida da capital pernambucana, onde obstruíram a via com paralelepípedos. A manifestação teve o apoio da população. A resposta do governo do PDS foi a repressão: 36 pessoas foram presas, inclusive um diretor do Sindicato dos Metalúrgicos.

Vitórias da greve do funcionalismo de Minas Gerais

Terminou com expressivas vitórias a greve dos professores e do funcionalismo público mineiro. Além de algumas reivindicações econômicas atendidas, os grevistas conseguiram a formação de uma comissão paritária com o governo para estudar e deliberar sobre várias questões pendentes para os funcionários de Minas Gerais.

Após pouco mais de 15 dias de greve, os professores conquistaram melhorias salariais: os de primeiro grau tiveram seus vencimentos majorados de Cr\$ 75.900 para Cr\$ 130 mil mensais, e o compromisso de passarem para Cr\$ 155 mil em julho próximo. Os de segundo grau, de Cr\$ 177 mil para Cr\$ 288 mil por mês. Os mestres conseguiram também a anistia para os grevistas de 1980 — época em que o Estado estava sob o mando de Francisco Pereira, do PDS —, que terão agora a contagem do tempo de serviço em que foram suspensos, para efeito de aposentadoria, e outros benefícios.

Esses êxitos foram obtidos graças à coesão da categoria: 130 mil, dos 180 mil professores do Estado, aderiram à greve, o que deixou 2.300 escolas vazias e 2 milhões e 300 mil alunos sem aulas. O exemplo dos professores acabou atraindo o restante do funcionalismo mineiro para a greve.

CABECA ERGUIDA

"Não podemos dizer que entramos nesta greve de cabeça erguida, mas não temos dúvidas em afirmar que é assim que saímos dela". Com estas palavras o presidente da Associação dos Servidores do Departamento de Estradas de Rodagem, Roberto Carvalho, encerrou a assembleia do funcionalismo que decidiu o fim da greve, dia 11. Eles conquistaram aumentos de 71,3% para a faixa de 1 a 2 salários; 65% para a faixa de 2 a 3; 50% para a de 3 a 4 e 50% para quem ganha mais de 4 salários mínimos. Algumas reivindicações, como o 13º salário, não foram atendidas, "mas apesar disso tivemos vitórias expressivas", informou Roberto Carvalho.

Agora uma Comissão Paritária, vai discutir as solicitações ainda não atendidas dos trabalhadores. Ficou garantido que os grevistas não serão punidos, nem terão descontos dos dias parados. (da sucursal)



Os professores deram o exemplo de luta para o conjunto dos funcionários mineiros

Metalúrgicos paulistas rompem arrocho do decreto-lei 2.065

Após uma semana de "operações-tartaruga" em São Bernardo e greves isoladas no interior de São Paulo, os metalúrgicos paulistas conseguiram uma importante vitória: rasgaram o decreto-lei 2.065, de arrocho salarial, do governo militar. Conquistaram aumentos acima do fixado na lei, abono de emergência e reajustes trimestrais, a título de antecipação.

A mobilização dos operários obrigou a Fiesp (órgão patronal) a reabrir as negociações, voltando atrás na sua arrogante intransigência. Na sexta-feira, dia 6, chegou-se à contraproposta: correção salarial integral com base no INPC de abril (69,9%) para os trabalhadores que ganham até Cr\$ 900 mil (o 2.065 prevê reajuste integral apenas para os que ganham até três salários mínimos); abono de emergência escalonado, privilegiando os empregados das empresas com mais de sete mil funcionários, que recebem o abono de 100% do salário nominal em duas parcelas; e antecipação salarial a cada três meses, o que significa, na prática o passo inicial para instituição do reajuste trimestral.

Em assembleias nas portas das grandes fábricas de São Bernardo, nas madrugadas de segunda e terça-feira, a proposta foi aceita pela maioria dos trabalhadores. O acordo, considerado "razoável" por Jair Menghelli, resultou do poderoso movimento que abalou as empresas, e terá repercussão em todo o movimento sindical. Em Santo André, São José e Taubaté, os grevistas também aprovaram a assinatura do acordo.

Durante os seis dias de "operação-tartaruga" e greves no interior, as montadoras de automóveis tiveram um prejuízo de mais de Cr\$ 75 bilhões, conforme divulgaram os próprios empresários. Com o movimento, a produção das firmas, a maioria multinacionais, reduziu-se em média em 60%.

Só a Volks deixou de fabricar 3.500 veículos em São Bernardo e 600 na unidade de Taubaté, onde houve greve. Forçadas pelos contratos para exportação de automóveis, as montadoras tiveram de recuar.

NOVAS GREVES?

O governo dos gerais, através da "Justiça do Trabalho", tentou boicardear a luta da categoria. Decretou ilegal a greve dos 9 mil operários da General Motors e dos 2.200 da Ericsson, em São José dos Campos, e dos 2.600 da General Electric, em Santo André. Agora, após o acordo firmado, o Tribunal Regional do Trabalho ameaça não assinar sua homologação, alegando desrespeito à lei.

Além deste problema, em São Bernardo permanece indefinida a situação dos mil operários demitidos pela Volks, no dia 5, e a situação da Volks Caminhão que suspendeu por três dias todos os horistas, resultando inclusive na ocupação da firma. Os trabalhadores negociam a anulação destas medidas arbitrárias. Nas assembleias, já definiram que realizarão nova "tartaruga", caso os patrões não voltem atrás.

Já os operários das pequenas e médias empresas do interior e de São Bernardo foram discriminados no acordo, recebendo abono reduzido. Em São Bernardo, o Sindicato promete a partir de agora realizar greves nestas empresas para que o acordo seja estendido a todas as empresas.



Na Volks, continua a luta contra a punição aos que fizeram a operação-tartaruga



Foto: L. Carlos Leite

Cerca de 70 mil professores decidiram prosseguir a greve na assembleia no Ibirapuera

Professores de São Paulo vão continuar a greve

Os professores paulistas da rede oficial de ensino continuam em greve por suas reivindicações, na maior mobilização já realizada pelo magistério na história do Brasil. Com a categoria unida, premidos pelos salários de fome e diante da insensibilidade demonstrada pelo governo estadual, os professores prometem continuar a paralisação.

Segundo Lilian Martins, membro da comissão de negociações, "a mobilização surpreendeu até a direção do movimento. Fiquei impressionada de ver o Ginásio do Ibirapuera lotado com cerca de 70 mil professores, na assembleia de quarta-feira, uma das maiores de que se tem notícia. Isso é resultado, em primeiro lugar, da situação difícil que os professores enfrentam, principalmente os baixos salários. Um professor em início de carreira, por exemplo, ganha Cr\$ 120.000,00 por mês, ou seja mais do que o salário mínimo que vai ser decretado em maio. Em decorrência disso, somos obrigados a trabalhar em duas, três e até quatro escolas para poder sustentar nossas famílias".

VIDA DIFÍCIL

A própria Lilian é um exemplo concreto disso. Professora do 2º grau, trabalha 30 horas semanais e ganha Cr\$ 210.000,00 por mês. Tem dois filhos. O marido, também professor, ganha Cr\$ 156 mil por 20 horas de trabalho. E para completar o orçamento dá mais 40 horas de aula na prefeitura!

Outro exemplo concreto é o professor Everardo Bezerra, casado, pai de 4 filhos, que dá 37 horas de aula por semana e ganha Cr\$ 180.000,00. Sua esposa, também professora, dá 40 aulas semanais e ganha Cr\$ 230.000,00 mensais. Segundo afirmou "participo desta luta porque quero engressar o caldo. É uma vergonha um governo que foi eleito pela maioria do povo,



As passeatas servirão para divulgar o movimento grevista

e também dos professores, se recusar a atender nossas reivindicações".

A professora Elenalda Resende Nazareth, divorciada, mãe de dois filhos, trabalha no colégio Alberto Levy, ganhando Cr\$ 267.000,00. "Para sobreviver — disse —, o jeito é ficar jogando com o cheque especial a que temos direito por receber por um banco do Estado. Na prática meu salário daria apenas para pagar a comida".

O exemplo mais trágico é o do professor Ademir Fagundes de Souza, que perdeu suas aulas como professor substituído de 1º grau na Escola Dom Pedro II, no bairro das Perdizes. Desesperado com a péssima situação financeira e com a falta de perspectiva de continuar trabalhando, ele suicidou-se, saltando do viaduto Santa Ifigênia.

Este é sem dúvida o principal motivo da greve dos professores. No entanto a inabilidade com que o governador Franco Montoro vem tratando as reivindicações da categoria faz com que o movimento se volte contra um governo eleito pelo povo com uma plataforma democrática.

POLÍTICA INÁBIL

E o que é mais grave, a miopia política de certos setores do comando, ao invés de procurar elevar a consciência política do movimento estimula este sentimento estereotipado. Não é de espantar que setores da direita também se aproveitem da situação para desmoralizar o governo de oposição, tirando do alvo a política econômica do governo federal.

Montoro que, como lembrava o cartaz, também é professor, para ser democrático realmente deve procurar atender as reivindicações do professorado, sentar-se à mesa das negociações com propostas que possam ser aceitas, deixando de lado sua intransigência. (Olivia Rangel)

OPINIÃO

Contra a deturpação

Algumas correntes políticas, aproveitando-se da inabilidade do governo Montoro, procuram compará-lo a Maluf e até a Figueiredo. Na prática jogam lama na campanha das diretas, insinuando que foi inútil o processo eleitoral de 1982. Ocorre que os professores, mesmo descontentes com o rumo das negociações, querem votar para presidente da República, como mostram os milhares de broches e inclusive cartazes

pelos diretas em todas as manifestações. Apoiar as justas reivindicações do professorado não significa invalidar a grandiosa batalha pelas diretas-ja. Os professores são capazes de compreender que o principal responsável pela situação que o país enfrenta e o governo federal, o qual ainda controla as verbas dos governos estaduais. A falta de competência de Montoro não pode servir de pretexto para desviar o rumo da luta popular pelo fim do regime.



Professora Lilian Martins

Estudantes baianos querem diretas já

No dia 28 de março cerca de mil estudantes, funcionários e professores das universidades e escolas de 2º grau dirigiram-se à Reitoria da Universidade Federal da Bahia para realizar o Dia Nacional de Luta pelas Diretas Já da área de Educação organizado pela UNE, ANDES e Fasuba e realizado aqui na Bahia pela UEB, UMES, APUB e Assuba.

Aos clamores de "Diretas Já", "Fora Figueiredo e o regime militar", a manifestação prosseguiu com diversas falas de partidos políticos e entidades democráticas, intercalada com muita animação por grupos musicais como "Casca de Gôssio" e cantores como Jorge Portugal e Roberto Mendes, que empolgaram a multidão com a música "Pica-Pau Brasil", uma composição dedicada às mobilizações pró-diretas.

Discursaram a favor das diretas Sidônio Palmeiras, da UEB, Renato, representante da UMES, Carlos Eduardo, membro do DCE da UFBA, Círculo, do DCE da UCSal, Joviniano Neto, da APUB, Júlio César, pela UBES, o representante da Fasuba, Ubirajara Batista, o deputado Luis Nova, do PMDB, Sérgio Guimarães, pelo PT, Alice



Estudantes realizam passeata na Bahia exigindo diretas já

Portugal pela Associação de Funcionários da UFBA e um representante da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil.

Alice Portugal agitou a manifestação ao dizer: "No dia 31 de março fará aniversário o acontecimento histórico mais odiado pelo povo brasileiro... o representante do DCE também, a ou ao falar contra a conciliação dizendo que Aureliano

"é membro da gang que assaltou o Planalto em 64".

Em seguida a manifestação saiu em passeata em direção ao relógio de São Pedro, sendo interrompida por forte repressão policial. Mesmo assim a passeata não acabou e só foi desfeita após diversos pronunciamentos de protesto contra a repressão. (grupo de amigos da TO-Salvador, Bahia)

PF proíbe show estudantil pelo direito de voto

Estamos escrevendo esta carta para manifestar nosso vigoroso repúdio à atitude tomada pela Censura Federal e Polícia Federal que "desaconselham" a realização do Ato-Show pelas Diretas-Já, dia 31 de março no Ginásio do Ibirapuera, atividade organizada pela UNE, DCEs da PUC, Mackenzie e Faap.

A Censura Federal enrolou por vários dias a liberação do alvará — que acabou por não vir — e o superintendente da Polícia Federal em São Paulo, Romeu Tuma, telefonou para um dos responsáveis pela organização "esclarecendo" que o Ginásio era muito próximo ao QG

do II Exército e que um ato com aquela característica no dia em que "eles" comemoravam o golpe de 64 parecia provocação. Por isso "aconselhava" que não houvesse a atividade.

Como se não bastasse esta grande demonstração de prepotência, na noite do dia 31 as entidades promotoras presentes ao local do show, para dar esclarecimentos aos que lá se dirigissem, foram literalmente cercadas por várias viaturas da Polícia Militar e agentes da PF, alguns em carros de chapa fria e outros em carros oficiais espalhados por toda a região.

Por várias vezes — menos de 50 estudantes — fomos interpelados pelos policiais que nos diziam ter ordens expressas de impedir qualquer aglomeração.

Apesar da nítida tentativa de nos intimidarem, permanecemos no local por um bom tempo, só nos retirando após um pequeno ato contra mais esta arbitrariedade, deixando além de uma faixa pendurada no portão que dizia: "Abertura proíbe show", a nossa firme disposição de participar na luta, ao lado de todo o povo brasileiro, por eleições diretas-já e pelo fim do regime militar. (a diretoria do DCE-PUC/SP)

UBES prepara Congresso mobilizando escolas

A participação organizada da juventude, dos estudantes em particular, assume grande importância quando se confronta hoje no país o isolamento do regime militar com a disposição das forças populares de mudar o país, pondo fim a este regime.

Gritar por liberdade, justiça e independência é nossa marca. É o traço da juventude. Exigir uma escola democrática e um Brasil soberano é nossa tradição. Daí a preocupação do regime em alienar a juventude da discussão e consciência política.

Nesse sentido, o XXIII Congresso da UBES com certeza ficará na história. As discussões sobre a Educação devem se iniciar nas escolas, desde a tiragem dos delegados. A medida que divulgamos e preparamos a eleição dos delegados, distribuímos de sala em sala o jornal da UBES



— "Estudante em Marcha", debatendo seu conteúdo.

Ao se tratar de uma escola pública, destacamos os cortes de verbas impostos pelo Governo Federal, provocando sua completa falência. Denunciamos também o incentivo do MEC à rede privada, ao ensino

pagos, os aumentos abusivos do semestre impedem o afastamento de milhares de estudantes das escolas pagas. "Liberdade se conquista" — este é o nosso lema, sempre que se manifesta o autoritarismo dentro das escolas. Aprofundando a discussão com os delegados sobre estes temas, criamos condições para que eles tenham uma participação mais viva no Congresso.

Outras formas de divulgação deste evento são pichações, colagem de cartazes da UBES, entrevistas na imprensa local.

Aqui em Goiás estamos entrando em contato com as prefeituras de oposição do interior solicitando apoio material para a ida dos delegados ao Congresso, em Osasco. Do governador também buscaremos contribuição.

O mês de maio se aproxima. Urge traçar um plano detalhado de tiragem de delegados e organizar grandes caravanas dos Estados. Qualquer dúvida, escreva para a Coordenação Nacional de Viração: rua Humberto I, 1.608, casa 18, Vila Mariana, CEP 04018-SP. (Delcírio Pires Martins, vice-presidente região centro-oeste da UBES—Goiânia, Goiás).

Quem decide nosso destino?



Quando o estador carrega um fardo quem lhe substitui neste encargo? Quem assume o ponto de presença pelo trabalhador de emergência? Que colégio eleitoral trabalha em vez da professora primária? Será um senador biônico quem paga a reitor atômica? Quem toma o lugar do camaleão preso por não ter pago o imposto? Quem rende vigia de noite em seu posto? E sobre a dívida, quem decide?

Qual o senhor dessa crise? Acaso o operário que tem estafado o salário, ou o desempregado? Acaso o pequeno bolsueiro do lado? Que desgoverno responde pelo erro? Que rumo herdou o processo mais que limo, mais raso que a via férrea? Quem mais brasileiro do que o senhor?

(Oswald Barroso - Fortaleza, Ceará)

Alunos querem votar, revela um plebiscito

Nos dias 27 e 28 de março foi realizado na Escola Estadual de 2º Grau Conde José Vicente de Azevedo o plebiscito estadual das diretas, organizado pelas entidades do movimento secundarista, UMES, UPES e UBES. Os alunos da escola receberam com entusiasmo esta atividade. De 925 votantes, 878 se pronunciaram favoravelmente às eleições diretas para presidente da República este ano, 36 ficaram contra e 11 indecisos.

Vários alunos escreveram nas vestidas dizendo que o país precisa de um presidente comprometido com o povo, que seja honesto, coerente, democrático e que defenda a soberania nacional. (Comitê Pro-Diretas do Conde-São Paulo, SP)



fala o POVO

Neste número foram os estudantes que se destacaram na luta pelas diretas. Chegaram cortas da Bahia e de São Paulo com diversas formas de manifestações pelo direito de voto. Desde plebiscitos a passeatas.

Destacamos também a carta dos operários da Argos, em Jundiá, relatando uma greve pelo pagamento de salário e contra demissões. A carta descreve todo o processo de mobilização e organização dos operários para o movimento, mais do que justo, pelo pagamento de seus salários.

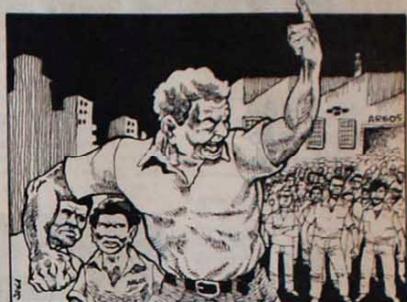
Nesta semana foi realizado o grande comício do Rio pelas diretas. Na segunda-feira haverá a passeata em São Paulo. Quem participar escreva contando como foi. Direto para as diretas! (Olivia Rangel)

Operários da Argos em greve por salários

Os operários da Argos, em Jundiá, paralisaram totalmente suas atividades e organizaram uma passeata de protesto contra os atrasos de três meses nos salários e as demissões efetuadas pela empresa. A passeata contou com mais de 500 pessoas, no dia 29 de março. Os operários hoje encontram-se em situação muito difícil. Como afirmou um dos grevistas demitidos, "não se tem dinheiro nem para comprar o leite pros filhos".

Este movimento veio amadurecendo desde que a Argos deixou de pagar corretamente os salários e, alegando crise, passou a demitir. A crise existe, todo mundo sabe, tanto nos quanto eles. Mas, como disse um dos trabalhadores, "o problema é que sem os nossos salários não vai dar para agüentar".

Todas as máquinas e bens da firma já estão penhorados. Os trabalhadores não possuem garantia nenhuma de que receberão os pagamentos atrasados. Muitos foram demitidos com anos de firma e ninguém acredita que venha a receber o que tem direito, como o FGTS e o PIS, além do 13º de 1983, que ninguém recebeu ainda.



Uma coisa importante no movimento dos operários da Argos foi a sua organização e forma de luta. Com o apoio do Sindicato os trabalhadores saíram em passeata do portão da fábrica e se dirigiram ao centro da cidade, até o gabinete do prefeito. Este apoiou os operários, assim como os vereadores do município. Como disse um operário, "a passeata prensa os homens". Desta forma os trabalhadores levaram ao conhecimento da população os fatos ocorridos dentro da empresa, sensibilizando outras camadas da população.

Segundo contam os operários, a firma havia pago parte dos atrasados em cheque. Mas como os cheques não tinham fundo foram devolvidos. Ai a empresa começou a pagar em mercadorias. Quem não tirou em roupa não recebeu nada.

A insatisfação é geral, e tudo indica que as coisas vão esquentar. Se tudo não for resolvido na Justiça, com rapidez, os operários podem apelar para a força. Como disse um deles: "Agora não temos nada a perder, é tudo ou nada". (José Carlos Jundiá, São Paulo).

Metalúrgicos apoiam povo uruguaio

Os metalúrgicos de Guarulhos, São Paulo, participaram da Caravana Democrática que, em março, foi ao Uruguai prestar solidariedade à luta do povo daquele país contra o regime militar. A Tribuna Operária recebeu do primeiro-secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, Sebastião Vieira do Nascimento, que representou a entidade na Caravana, o seguinte depoimento:

"A luta do povo uruguaio faz parte da luta do povo de todo um continente, do povo da América Latina por liberdade, por democracia, por emprego e salário decentes, pelo fim da miséria imposta a todos pelo imperialismo e seus agentes.

"O contato com os movimentos democráticos de outros países é bom para todos.

É bom para nós, é bom para eles, é bom para o movimento democrático em toda a América Latina. Trocamos experiências e conhecimentos. E prestamos solidariedade à luta de um povo pela sua libertação. Além disso não podemos esquecer nunca que o regime militar brasileiro é um dos responsáveis diretos pelo golpe militar no Uruguai. Todos sabem disso. Os militares brasileiros organizaram o golpe no Uruguai, buscando eliminar a concentração de exilados brasileiros nesse país vizinho.

"A participação dos metalúrgicos de Guarulhos nessa Caravana Democrática é um gesto de pura coerência. Nossa categoria sempre recebeu com muito carinho os companheiros uruguaio seguidos pelo regime militar em seu país. Junto aos metalúrgicos de Guarulhos esses trabalhadores e líderes sindicais perseguidos encontraram apoio e amparo. Nossa participação na Caravana Democrática tem íntima ligação com isso.

"Apesar da Caravana Democrática ter sido impedida de chegar a Montevideu pela ditadura daquele país, a repercussão obtida com o movimento foi uma gota a mais na imensa onda democrática que se forma hoje no Uruguai. O povo uruguaio está em luta por democracia, pelo fim da miséria e da opressão e contribuir com essa luta, ainda que com tão pouco, já é para nós um motivo de orgulho". (SVN, Guarulhos, São Paulo)

Prefeito decide quem trabalha

Venho denunciar através desta pequena carta o que aconteceu em Batalha, Piauí. No último dia 3 de abril, às 15 h realizou-se um concurso para preenchimento de uma vaga nos correios de nossa cidade; os candidatos, em número de dez, foram indicados pelo "ilustre" prefeito Antônio Machado Melo, que em total abuso de poder colocou para fazer as provas somente quem era "cria" dele encontrando-se

entre os candidatos inclusive funcionários da prefeitura, todos bem remunerados pelo corrupto batelhense. Aí pergunto eu: Onde está a austeridade do novo Diretor Regional dos Correios no Piauí, que segundo dizem veio para acabar com a corrupção e o empregatício de baixo nível existente nos correios?

Entre os candidatos encontram-se pessoas inescrupulosas não preenchendo as exigências impostas pelo edi-

tal. Ainda compareceram às provas várias pessoas com documentação completa. Mas foram barradas pelo envio dos correios. O mesmo dizia aos que se dirigiam a ele: "Só pode fazer este teste quem o prefeito indicou".

Os batelhenses estão indignados com esta atitude da direção dos correios. Quem estudou anos a fio esperando uma oportunidade de mostrar sua capacidade fica em segundo plano. (R.M.-Batalha, Piauí)

Yanes suga sangue dos operários

A Metal Yanes continua sugando o sangue de seus operários. Eles trabalham dia e noite, de manhã até às 17:36 h com apenas uma hora de almoço, sem um intervalo para café.

Os operários trabalham em máquinas velhas, sem nenhuma proteção, correndo risco de vida. Isto sem falar nos banheiros, que é uma fonte de contaminação. Não tem

papel higiênico e é imundo. Para entrar nele, só tapando o nariz. Era preciso vir aqui um fiscal da higiene pública, porque está demais.

O restaurante é uma imundície. E como se não bastasse eles ainda não pagam adicional noturno. Os operários são obrigados a trabalhar de operador de máquinas recebendo salário de ajudante. Se um operário

desse vai e pede aumento é mandado embora. E se não tiver cuidado é demitido quase sem direitos.

Aqui o salário de ajudante é Cr\$ 95.000,00. E isso porque eles não podem pagar menos. Mas dão um jeito de descontar o restaurante (Cr\$ 12.000,00 de almoço) por mês. E tanto desconto que ninguém sabe de onde vem. (grupo de operários da Yanes-São Paulo, SP)

Posseiros enfrentam jagunços à bala nas selvas do Pará



Os pistoleiros tentaram fugir com este carro

Posseiros de Poxim abrem fogo e matam pistoleiros

Dois pistoleiros contrabandados pelo grileiro Abdala Habid foram mortos num choque armado com posseiros na região de Poxim, município de Canavieiras. O conflito se deu no dia 2 de abril, no fim da tarde, aumentando a tensão nessa parte do interior baiano.

O fato é mais um episódio da luta dos posseiros contra Abdala Habid, que nessa região envolve 65 famílias. A denúncia foi feita na Federação dos Trabalhadores em Agricultura da Bahia, pelos posseiros de Poxim.

Tudo começou na manhã do dia 2, quando os pistoleiros armaram uma tocaia contra o posseiro Hugo Damasceno. Ele estava, às 7 horas, colhendo mandioca para uns porcos quando observou o claro, refletido pelo sol, de uma arma escondida entre as moitas de seu roçado. Ai correu, procurando o Engenheiro Marcos de Sá Ferreira, do INCRA, que se encontrava na região, fa-

zendo um levantamento de terras.

O engenheiro acompanhou o posseiro até a delegacia, onde foram exigir apuração. O delegado José Antônio Silva, que é bastante ligado ao grileiro Abdala, não adotou qualquer providência, além de duvidar do posseiro. Pouco mais tarde, dar-se-ia o choque armado.

Há dois anos Abdala vem tentando se apoderar dos 1.576 hectares ocupados há mais de 12 anos por 65 famílias, em Poxim. No município todo de Canavieiras, são mais de quinhentas famílias que sofrem o assédio de Abdala e seus capangas. Também inimigo do povo da terra é o advogado Paulo Feitosa, apontado como contratante de pistoleiros que massacraram toda uma família na Serra da Onça, Canavieiras.

Uma comissão de deputados estaduais, liderada por Luis Nova (PMDB-BA), irá percorrer a região em conflito e exigirá providências do governador.

Posseiros armados com toscas e espingardas enfrentam no interior do Pará um exército de bandeirantes municiados com sofisticado arsenal fornecido por latifundiários e grileiros. Nesta luta desigual, os camponeses se unem e organizam-se para defender a vida e o seu pedaço de terra. Reunidos em Brasília, os posseiros falaram de sua resistência à Tribuna Operária.

Helicóptero dando rajadas de metralhadoras sobre os casebres; assassinatos a sangue frio na frente de parentes e companheiros; seqüestros e espancamentos; moradias e lavouras incendiadas e até ameaças terroristas de envenenamento de água, são algumas das violências sofridas pelos trabalhadores rurais de nosso país. Os responsáveis por estas agressões são latifundiários e grileiros que agem impunemente, acobertados ou com a conivência das autoridades federais e muitas vezes também da Justiça.

O caso ocorrido no município de Barra do Corda, Maranhão, dia 10 de abril, é um exemplo entre tantos. A Polícia Federal matou a pauladas o lavrador Narciso Alves da Silva, pai de quatro filhos. A população ficou indignada e durante o enterro exigiu que "respeitem a vida".

Estes desmandos estão diretamente ligados à concentração de terra em grandes latifúndios os quais, na sua voracidade, tentam de qualquer maneira abocanhar novas extensões de chão. Em alguns Estados como o Pará, Maranhão, Bahia e Pernambuco, estes conflitos são mais acentuados. Em 1983, foram assassinados 42 lavradores e, nos três primeiros meses deste ano, caíram mortos outros 16. Nenhum responsável por estes crimes foi punido, o que levou um sindicalista rural a excluir: "Estamos numa época que, se nós não fizermos justiça por conta própria, ninguém mais faz".

Exército de jagunços usa ate helicóptero contra posseiros

É no Pará onde os posseiros melhor se organizaram para se defenderem e têm enfrentado com mais sucesso os embates contra os jagunços. No município de Viseu, no nordeste do Estado, existe um dos maiores conflitos de terra do país, envolvendo cerca de 10 mil famílias. Dentro dos 330 mil hectares de terra em litígio estão 15 povoados. A Cidapar (empresa ligada ao Banco Denasa) se diz proprietária da área o que é contestado até pelo próprio governo do Pará. Esta explora o garimpo e a madeira e por todos os meios tenta expulsar os posseiros.

O conflito existe há cerca de 15 anos, e os lavradores se organizaram para enfrentar a violência praticada pelos 100 jagunços armados da Cidapar, comandados por um ex-capitão do Exército, James Vita



Posseiros à espera dos jagunços em uma clareira nas matas do sul do Pará. Foto de 1981

Lopes. Esta milícia privada possui um helicóptero armado com metralhadoras e recebe apoio dos órgãos federais da área. Apesar de contar com todo este aparato bélico, os jagunços encontraram forte resistência. Dos 14 mortos desde outubro de 1983, três eram posseiros e 11 pistoleiros. A principal arma dos trabalhadores é a sua organização, além, é claro, de suas toscas espingardas e revólveres.

"Eles (os pistoleiros) chegavam de helicóptero, baixavam na aldeia e atiravam nos moradores", explica um morador das margens do rio Gurupi, sobre a tentativa de expulsão da terra. Para enfrentá-los, os posseiros se dividiram em grupos de 5 a 7 pessoas, e num único dia morreram cinco capangas da Cidapar. A PM entrou em ação e, sem molestar os pistoleiros, levou vários posseiros presos, criando um clima de terror. Aproveitando-se disso, os pistoleiros mataram três camponeses: Um deles, Marcelino do Carmo, foi retirado de dentro da delegacia e mais tarde encontrado morto no Maranhão. Os trabalhadores, com os ânimos acirrados, revidaram e em novo confronto — a

18 de março — mataram o jagunço Heleno, braço direito do capitão James.

Nestas lutas surgem os heróis do povo. Quintino é o nome de um lavrador conhecido e querido em toda a região por ser um justiciero. Atualmente ele não tem lugar fixo de moradia, pois sua cabeça está a prêmio pela Cidapar. Quando os jagunços se tornam mais agressivos, Quintino reúne os moradores de algum vilarejo, escolhe de 10 a 15 voluntários e planeja uma ação defensiva de envergadura. Nestes choques violentos, nove pistoleiros já perderam a vida, inclusive o conhecido Heleno, terror da região.

Agostinho Loureiro, faz parte do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de São Domingos do Capim e ocupa um terreno em conflitos. Há vários anos os posseiros tentam obter a posse da terra e nesta luta já houve várias mortes. Agostinho conta que "há pouco tempo surgiu o boato que a polícia ia nos atacar e 200 homens nossos se armaram e estavam preparados em trincheiras". A PM não apareceu.

"Até a juíza de Direito tem nos ameaçado agora"

Um pouco mais ao sul, no município de Paragominas, existe um conflito aberto entre posseiros e a madeireira Slaviero, que diz ser dona de 60 mil alqueires de terra. Cerca de 200 famílias do km zero da PA 70 foram expulsas por duas vezes da terra por capangas da Slaviero. Nestas ações, os pistoleiros mataram um posseiro na presença da esposa, espancaram mulheres e crianças e queimaram as casas. As famílias voltaram pela terceira vez ao local dispostas a não saírem mais. Houve um confronto e foi morto um pistoleiro.

O delegado Mário Malato prendeu Salvador Alves dos Santos, delegado sindical, e Feliciano Ribeiro da Silva, de 62 anos, e os acusou de terem participado do justicamento do jagunço. Houve uma grande mobilização dos posseiros e, com a ajuda do jovem advogado João Carlos Batista, eles foram soltos.

O advogado João Batista é filho de posseiros da região e, por sua atuação decidida a favor dos trabalhadores do campo, é alvo constante das ameaças dos latifundiários e grileiros. "Os jagunços estão doidos para me ferrar — diz ele. O presidente da Câmara de vereadores e o prefeito de Paragominas, o deputado do PDS, Fausto Fernandes — todos fazendeiros — me ameaçam de morte constantemente". Mas os posseiros já reagiram e prometem matar 50 latifundiários e grileiros caso aconteça algum atentado ao seu advogado. O clima de tensão aumentou depois que um dos diretores da madeireira Slaviero disse publicamente que a solução era matar João Batista e Salvador dos

Santos, pois assim "a questão dos posseiros estaria resolvida".

Os latifundiários tentam de todas as maneiras impedir a criação de sindicatos dos trabalhadores rurais na sua área mas, quando isso se torna impossível, esforçam-se para colocar uma diretoria pelega. Se a diretoria é combativa, os latifundiários passam para as ameaças: di- retas. Em Conceição do Araguaia, os jagunços invadiram a casa de Luíza Pinto de Farias, cujo esposo concorre na chapa da diretoria do Sindicato. Jogaram álcool em seu corpo e ameaçaram atear fogo se ela não dissesse onde estavam os documentos do STR.

Em Marabá, o presidente do STR foi ameaçado de morte dentro da delegacia de polícia por um jagunço, sem que as autoridades tomassem qualquer providência. Nesta mesma cidade, o advogado do Sindicato, Gabriel Pimenta, foi assassinado em 1982 por jagunços a mando dos fazendeiros. Os criminosos ficaram presos apenas 34 dias. Um dos diretores do STR afirmou: "Ultimamente nós temos enfrentado muitas ameaças, inclusive da juíza de Direito". Entretanto estas ameaças não impedem os posseiros de se organizarem. Em Xinguara, os trabalhadores rurais reagiram às investidas dos latifundiários. De 1980 a 1984, foram mortos 14 peões e posseiros, mas estes também deram fim a 20 jagunços.

Em locais onde os camponeses não estão organizados, a situação é diferente e os grileiros agem impunemente. Na Ilha dos Bodes, município de Afuá, na divisa com Amapá, o lavrador José do Carmo Oliveira foi morto a sangue frio dia 19 de dezembro. Seu irmão, Francisco, estava junto e escapou com vida para contar a história: "Nós estávamos trabalhando na extração da madeira. Às 3 horas da tarde, chegaram o grileiro e seus dois filhos numa lancha já atirando. Acertaram o meu irmão pelas costas. Me deram três tiros, mas não acertaram. Entrei no mato e viam os dois filhos correndo atrás de mim com o rifle". A polícia cobrou Cr\$ 105 mil para ir atrás do criminoso, contudo ninguém foi preso. (Domingos Abreu).

Trabalhadores escravizados numa fazenda do Araguaia

"Na Fazenda Novo Mundo, a 100 km de São Geraldo do Araguaia, de propriedade de Neif Murad, conhecido grileiro da região, os trabalhadores são escravizados. São cerca de 1.200 homens, fazendo uma derrubada de 1.300 alqueires de terra, vindos principalmente do Maranhão e Piauí em caminhões "paus-de-arara". Essa denúncia foi feita pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xinguara (Pará), Crispim Manoel Santana.

Em declarações à Tribuna Operária, Crispim reafirmou as denúncias do trabalho escravo: "Nós tomamos conhecimento há 15 dias atrás, quando seis homens fugiram da fazenda, e para capturá-los saíram o gerente da fazenda, um tal de Valdeir, junto com dois pistoleiros conhecidos por Ferrugem e Raimundo Branco. Em Xam-

biá, divisa de Goiás com o Pará, avistaram os fugitivos. Dois conseguiram escapar correndo, e os outros quatro foram capturados e trazidos de volta para a fazenda. No km 59 da estrada PT-81, que liga São Geraldo a Itaipavas, o gerente e seus pistoleiros amarraram os 4 homens e bateram de corda, como se batêssem em animais. Depois disso, ficaram sabendo que os trabalhadores não podem sair da fazenda. Em todas as entradas e saídas há homens armados. O gerente mais parece pistoleiro, anda sempre com dois revólveres à cintura. Ficamos sabendo também que os trabalhadores não recebem o pagamento".

Crispim, além de sindicalista, é vereador pelo PMDB, ligado à Corrente Popular. Suas denúncias estão tendo repercussão em todo o Estado.

Transporte mata 38 bóias-frias em Minas

Um trágico acidente levou à morte 38 bóias-frias do município mineiro de Ituiutaba no dia 4 de abril. O caminhão que os transportava como gado caiu numa represa da Fazenda das Palmeiras. O veículo, um velho Mercedes de placa MF 1716, trafegava em precárias condições, dirigido por um motorista sem habilitação, com mais de 80 pessoas.

O motorista Alici Antônio de Andrade, que nada sofreu, fugiu do local, deixando o caminhão submerso numa profundidade de 10 metros, onde, aprisionados pela lona da carrocera do caminhão, 38 pessoas morreram afogadas depois de, desesperadamente, tentarem alcançar a superfície.

Na ansia de conseguir mais lucros às custas do sofrimento e exploração dos trabalhadores, os latifundiários da região, bem como as autoridades, fecham os olhos para as absurdas condições em que são transportados os bóias-frias: caminhões levando até 120 pessoas, quando a lei permite no máximo 25. Além disso, trafegam a altas velocidades.

Todos os bóias-frias mortos na represa colhiam algodão na fazenda pertencente ao latifundiário Azarias Vieira Arantes, que possui 1.660 hectares na região. Essas terras foram arrendadas por Primo e Wilmar Riza. O acidente revoltou os trabalhadores, que organizaram várias manifestações em Ituiutaba. (da sucursal)



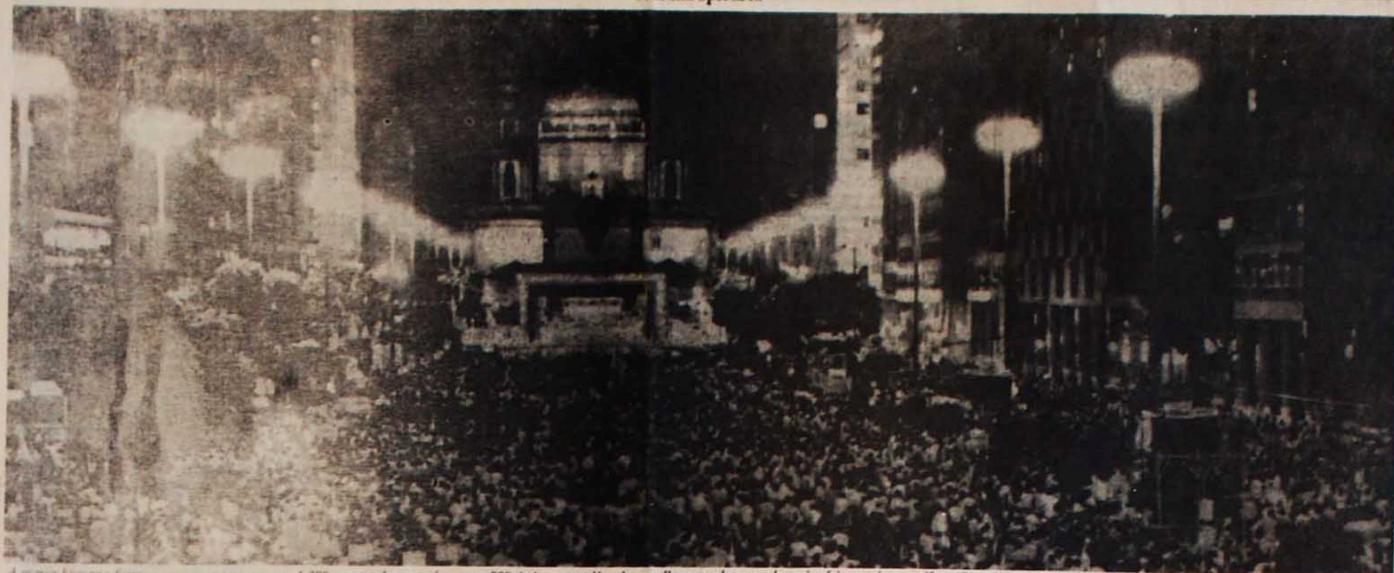
Salvador dos Santos e o advogado João Batista: ameaçados pelos latifundiários

Violência no campo em 1983

Estado	Mortos	Espancamento, ameaças de morte e prisões arbitrárias	Expulsão da terra e destruição de lavouras e moradias
Bahia	17	8	4
Paraíba	1	—	—
Pernambuco	4	20	1
R. G. do Norte	—	7	3
Ceará	—	1	—
Rio de Janeiro	1	1	—
M. Grosso do Sul	1	—	—
Sa Catarina	1	—	—
Acree	1	—	—
Amapá	1	—	—
Goiás	3	—	—
Matto Grosso	1	—	—
Maranhão	5	2	1
Pará	6	8	1



Francisco: "Me ferem três tiros"



A massa humana formou uma cruz imensa com 1.200 metros de comprimento e 800 de largura, além de espalhar-se pelas ruas laterais; foi a maior manifestação política jamais vista em território nacional

Os heróis do comício do Rio

Quem fez o estrondoso sucesso do Comício da Candelária? Que tipo de gente lotou o centro do Rio de Janeiro dia 10? Eles eram mais de 1 milhão (a PM calculou 1 milhão e 100 mil). Na maioria vinham pela primeira vez a uma manifestação política. E aplaudiram com mais força exatamente os ataques mais duros ao governo Figueiredo e ao regime militar.

O Rio de Janeiro já vinha de uma passeata pró-diretas com 80 mil pessoas, em fevereiro, e outra com 250 mil, em março. Havia constituído um Comitê unitário e prestigioso, que se ramificou em muitos outros, espalhados pela capital. Baixada Fluminense, municípios do interior e diferentes categorias profissionais. Além disso, na reta final da preparação do comício, o governo Leonel Brizola passou a jogar pesado no sentido de um grande comprometimento. Estes ingredientes se casaram com as inquietações de um povo que sempre fez oposição cerrada ao regime militar, mas nunca foi tão opositorista como agora. E explodiram na participação de mais de 1 milhão de pessoas, batendo a longe, todos os recor-

des das manifestações já realizadas no Brasil. O clima da cidade, desde a manhã de terça-feira, parecia o de um dia de jogo da Copa do Mundo. Cartazes pró-diretas adornavam várias bancas de jornais e incontáveis barracas de camelôs. Faixas e bandeiras coloriam os prédios do centro, mais vazios que o normal. Em compensação, o movimento nas ruas era maior. E as pessoas, mesmo sem se conhecer, trocavam ideias, davam palpites ou se engalinhavam em acaloradíssimas discussões, embora — tal qual numa Copa do Mundo — todas torcessem pelo mesmo time. Era patente que a campanha pelas diretas-já entrara num novo patamar, e iria produzir uma excepcional demonstração de força.

Nos pontos de concentração popular, trios-elétricos funcionavam como tribunas livres, onde qualquer um podia falar ao microfone para um público que circulava sempre e chegava a alguns milhares. Na Cinelândia, o senhor Geraldo Barbosa, 65 anos, fotografado por um agente da Polícia Federal enquanto falava, inflamava-se, dava o nome, o endereço e proclamava destemido: "Seria uma grande honra para mim ser preso nesta praça, por combater o regime dos generais". A seguir era a vez de José João dos Santos, paribano de Sapé, ex-camponês, operário, 52 anos de idade e 41 de poesia popular, cantar ao microfone: "Depois que o homem fez um cavalo da Nação..." Na praça, até uma estátua de Carlos Gomes, de batuta em punho, ostentava uma vistosa faixa amarela: Diretas-já!

"Nunca votei, mas acho que chegou a hora: é vida ou morte"

Enquanto isso, rios de gente enchiam a Avenida Presidente Vargas ao longo de 1.200 metros, desde a Estação da Central do Brasil, e mais 800 metros da Avenida Rio Branco, tendo como vértice o palanque montado nos fundos da Igreja da Candelária.

Era gente de todas as profissões, muitas vezes famílias inteiras. E em toda aquela massa humana, a ideia das diretas-já vinha associada à necessidade de pôr fim ao regime de fome e corrupção.

"Acredito que o povo vai conquistar as diretas, porque mesmo com ameaças quem decide é o povo" — comentou para a TO Roberto Oliveira, segurança estadual. E argumentou: "As diretas são uma solu-



Os caixões das indiretas, conduzidos à cova simbólica pelos braços do povo

ção para nós que estamos vivendo sob apitos e não temos direito de escolher nada". Ari Marco, técnico de telefones, concordou: "O movimento é certíssimo, pois diante da situação do país temos que tomar uma posição. O trabalhador não aguenta mais exploração. Nunca votei, mas acho que chegou a hora. É vida ou morte. Ou tomamos uma decisão, ou não teremos mais nenhuma oportunidade. Temos que impressá-los na parede".

Dona Maria das Graças, desempregada "por culpa do Delfim", também acha a mobilização "maravilhosa" e arremata: "Ameaça não adianta. Tenho certeza que vamos conseguir as diretas".

Operários de braços erguidos, advogados de paletó em passeata

Estes sentimentos, multiplicados por 1 milhão, deram ao comício um gume cortante, um de oposição, implacável. Graças à presença amplamente majoritária do povo simples, desacomodado a mesquinhas brigas de grupos dentro das oposições, quase não houve vaias a oradores e todos foram atentamente ouvidos, inclusive os pró-diretas do PDS. Porém cada vez que se citava o nome do general Figueiredo, ou de Maluf e Andrezza, ou ainda de Delfim Netto, a vaia estourava gostosa e prolongada, em centenas de milhares de gargantas. No fim do comício, um imenso boneco de Delfim, usado pela Mangueira como alegoria de carnaval, foi malhado até ficar reduzido a trapos. Foi a única vítima do comício, junto com três caixões do Colégio Eleitoral enterrados simbolicamente ao pé do palanque.

A composição do comício foi nitidamente popular.

Quando Osmar Santos, no comando das apresentações, indagava se os operários estavam presentes, um mar de braços se levantava. Mas a participação organizada, enquanto classe, ainda se revelou débil devido ao pouco engajamento dos Sindicatos na campanha pelas diretas — um problema que por sinal é também dos outros Estados. No grande Estaleiro Mauá, em Niterói, 8 mil operários, a jornada de trabalho terminou às 14 horas — devido à negociação de cinco horas compensadas —, mas por falta de organização, apenas uma centena de metalúrgicos rumaram para o comício. Algumas categorias, como a dos rodoviários, tiveram alguma presença. Contudo eram poucas as faixas de sindicatos operários, para não falar em faixas de fábricas. Os operários, em grande número, ficaram diluídos na massa popular. E, portanto, tiveram condições limitadas de deixar na manifestação a marca de suas aspirações e bandeiras de classe.

Entretanto, tomadas no seu conjunto, as entidades populares e democráticas tiveram um papel de destaque. Ao contrário do que pensavam alguns, foram elas e não os partidos políticos que contribuíram com maiores contingentes de manifestantes organizados. Nas faixas, cham-se coisas como: "Musicoterapia pelas Diretas" (da Faculdade Musicoterapia). A OAB, numa atitude pouco usual, puxou até uma passeata de cerca de cem advogados, de paletó e gravata, aos gritos de "Colégio Eleitoral e vergonha nacional". Já a Escola Estadual Martins Pena desfilou pela Rio Branco com 40 alunos, sambando e com as fantasias de seu grupo de teatro. Os bancários fizeram sucesso com um avião alegórico. E os empregados da Companhia de Gás trouxeram dois grande bonecos, de Popeye e Olivia Palito, tomados de empréstimos da

torcida do Flamengo. A recém-organizada torcida Fladiretas também esteve muito presente. E um destaque especial ficou para o "Dragão das Diretas", vindo especialmente de Brasília para o comício da Candelária. No comício, ele foi apresentado por Joyce, que cantou a música da Turma do Dragão: "Corre dragão e pega o ladrão que não quer saber de eleição".

Onde o povo não via o palanque, fazia sua manifestação

Quando a manifestação se encerrou, ao som do Hino Nacional, às 21:30 horas, a multidão já estava rarefeita. Afinal, foram mais de cinco horas e cerca de cinquenta oradores, afora os artistas. Os governadores

e presidentes nacionais de partidos, que falaram por último, terminaram por encontrar um público menor. O povo não lotara as ruas propriamente para ouvi-los, mas para demonstrar, pela força de seu número impressionante, que já não aguentava o governo que ali está. No decorrer de todo o ato público, e antes dele, improvisavam-se manifestações espontâneas ali, onde o som era mais fraco, onde a vista não alcançava o palanque, na periferia da multidão imensa. Ao som das batucadas, muitas vezes, milhares de simples trabalhadores exprimiam livremente seu sentimento, no qual a raiva do governo se misturava com um justificado orgulho por estarem ali, ajudando a derrubá-lo, e com a alegria de quem está convencido de que há de vencer esta parada.

Esta certeza contrastava com o clima dominante no palanque. Ali, apesar dos discursos confiantes, muitos políticos revelavam temores e pessimismo, nas conversas de pé de ouvido, quanto às chances da emenda Dante de Oliveira na votação do dia 25. Já o povo, agora que se colocou de pé e começou a jogar um papel ativo na cena política, está decidido a ir até o fim. Colocou-se o objetivo de mudar o regime, e escolher ele mesmo um novo governo. Cristalizou este objetivo na exigência de diretas-já. E não há força que possa deter sua caminhada para a vitória. (Marisa Sampaio, Apolinário Rebelo, Bernardo Joffily)



Carlos Gomes na Cinelândia, de faixa amarela no peito



Crianças da Martins Pena: mímica, teatro e samba pro-diretas na Avenida Rio Branco



Famílias inteiras vieram ao comício da Candelária